



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

KLÊNIA NUNES FEITOSA

**DA SENZALA À FICÇÃO: AS NUANCES DA ESCRAVIDÃO NA TELENOVELA
SINHÁ MOÇA**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

KLÊNIA NUNES FEITOSA

**DA SENZALA À FICÇÃO: AS NUANCES DA ESCRAVIDÃO NA TELENOVELA
SINHÁ MOÇA**

Monografia apresentada ao curso de especialização em História e Cultura Afrobrasileira da UEPB, como requisito básico para alcançar o título de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^aMargareth Maria de Melo

Coorientadora: Prof.^a Dr.^aRobéria Nádia Araújo Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F311d Klennia Nunes Feitosa

Da senzala à ficção [manuscrito] : as nuances da escravidão na telenovela Sinhá Moça / Klennia Nunes Feitosa. - 2014.
69 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Margareth Maria de Melo, Departamento de História".

"Co-Orientação: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento

1. Análise Literária 2. Novela 3. Escravidão 4. Negro - Estereótipo I. Título.

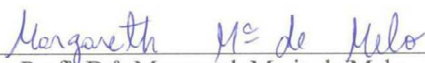
21. ed. CDD 801.95

KLENNIA NUNES FEITOSA

**DA SENZALA À FICÇÃO: AS NUANCES DA ESCRAVIÃO NA TELENOVELA
SINHÁ MOÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 29/07/2014.




Prof.^a Dr.^a Margareth Maria de Melo - UEPB
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Roberia Nádia Araújo Nascimento - UEPB
Coorientadora



Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva - UEPB
Examinadora



Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina da Aragão Araújo - UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a quatro pessoas que sempre foram e serão exemplos de caráter e dignidade na minha vida: Meus avós Geraldina Paiva, Joaquim Solano Feitosa, Stela de Castro e Valdemar Clementino Ferreira (todos em memória). Tenho certeza que, de onde estiverem, permanecem felizes, torcendo por mim e me ajudando. Vocês são eternos em minhas lembranças e coração. Obrigada por me ensinarem que o caminho não está feito, mas se faz ao andar, e o importante é que nessa caminhada nossas palavras e gestos sejam marcados pela perseverança e respeito. Hoje, com toda essa ausência, é difícil colocar em palavras o que, talvez, não caiba em apenas palavras. Meu eterno obrigada pelo amor de cada um, que ainda aquece meu coração! Olhem só aonde cheguei! “A vitória é dos que lutam, dos que agem, dos que saem do seu porto seguro. A vitória é dos que se arriscam para alcançar o alto da montanha.” Esta vitória é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de meus pais, José Kleber e Valcicleia, que mesmo diante das dificuldades, nunca deixaram de acreditar em mim e investir nos meus estudos, fazendo com que eu me tornasse a primeira especialista da casa e futura mestra. Vocês me ensinaram que sem coragem não se alcança um ideal. Meu muito obrigada!

Agradeço também as minhas orientadoras: Margareth Maria e Robéria Nádia, pela dedicação e paciência com tantas indagações da minha parte. Obrigada pelo convívio, pela dedicação, pelos exemplos e, principalmente, por acreditarem na minha capacidade e na relevância acadêmica do meu trabalho.

Deixo meu profundo agradecimento a Pablo, que há meses divide comigo meus melhores dias. Sempre segurando a minha mão quando eu mais preciso, me fazendo seguir. Obrigada pelo apoio incondicional, afeto, cumplicidade e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva. Você é o melhor companheiro nas lutas de cada dia, e por ser constante em sua dedicação, amor e lealdade consegue amenizar as minhas dificuldades diárias.

À minha amiga Lídia, pela nobreza de caráter e exemplo de pessoa. Obrigada por me mostrar muito mais de mim mesma e por me fazer acreditar na minha competência. Um agradecimento especial pelas várias leituras do meu trabalho, dando opinião e ouvindo meus comentários com a maior paciência do mundo. Sou grata pelas orações, pelo incentivo de sempre e, principalmente, por sua amizade.

Por fim, agradeço as minhas irmãs Livia, Kelvia e Klevia, por torcerem verdadeiramente por mim e por me proporcionarem maravilhosos momentos de alegria. Aos professores da especialização, que tive a honra de ser aluna, obrigada pelos ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho.

Agradeço a Deus por ter colocado em meu caminho pessoas especiais e com energias positivas. Muitas delas, não expressamente aqui citadas, não são menos importantes, obrigada pelo carinho e força! Sou grata a Deus pelas bênçãos e por está sempre ao meu lado. Foi por isso que venci!

Sou Guerreiro do Quilombo, Quilombola

Lê lêlê ô

Eu sou Negro dos Bantos de Angola

Negro nagô

Fomos trazidos pro Brasil

Minha família separou

Minha mana foi vendida

Pra fazenda de um senhor

O meu pai morreu no tronco

No chicote do feitor

O meu irmão não tem a orelha

Porque o feitor arrancou

Na mente trago tristeza

E no corpo muita dor

Mas olha um dia

Pro quilombo eu fugi

Com muita luta e muita garra

Me tornei um guerreiro de Zumbi

Ao passar do tempo

Pra fazenda eu retornei

Soltei todos os escravos

E as senzalas eu queimei

A liberdade

Não tava escrita em papel

Nem foi dada por princesa

Cujo nome Isabel

A liberdade

Foi feita com sangue e muita dor

Muitas lutas e batalhas

Foi o que nos despertou

Sou Guerreiro do Quilombo, Quilombola

Lê lêlê ô

Eu sou Negro dos Bantos de Angola

Negro nagô

(Mestre Barrão– **Guerreiro do Quilombo**– Axé Capoeira Vol.3)

RESUMO

Esta monografia é o resultado de uma análise sobre as nuances da escravidão na telenovela *Sinhá Moça* da Rede Globo de Televisão, exibida no ano de 2006, no horário das 18h. No desenrolar dessa história percebermos a ausência de valores nacionais próprios, associando o negro a um ser submisso e passivo à realidade vivida. Nesse sentido, o nosso objetivo foi investigar de que maneira o processo de escravidão e abolição foi retratado na telenovela *Sinhá Moça*. Para tanto, realizamos uma pesquisa à luz do método Narrativo do tipo Contextual, sendo a abordagem qualitativa. Para uma melhor compreensão da pesquisa, dividimos as observações em três capítulos distintos, apresentando como fio condutor e ponto de partida de nossas reflexões uma breve contextualização histórica da sociedade brasileira, desde o período de sua formação nos tempos do escravismo colonial. Com o auxílio de alguns agregadores de informação no aprofundamento teórico, enfatizamos conceitos como: escravidão, identidade e estereótipo. Com as contribuições de Joel Zito Araújo (2004), Stuart Hall (1999), Roger Chartier (1990) e José D' Assunção Barros (2009). Concluímos que o perfil estereotipado negativamente, de passividade e ausência de núcleo familiar, além de preconceituoso na formação da identidade desse povo, é marcante na telenovela.

Palavras-chave: Sinhá Moça. Escravidão. Estereótipo. Identidade Negra. Telenovela.

ABSTRACT

This monograph is the result of an analysis of the slight difference of slavery in the soap opera *Sinha Girl* of the Globo Television Network, displayed in 2006 at the time of 18 hours. In the course of this history we realize the absence of their own national values, associating black to submissive and passive reality to be experienced. Accordingly, our objective was to investigate how the process of slavery and abolishment was portrayed in the telenovela *Sinha Girl*. Thus, we performed a search in the core of Contextual Narrative type method, with a qualitative approach. For a better understanding of the research, we divided the observations into three distinct chapters. Presenting as a prime beginning and starting point of our reflections a brief historical contextualization of Brazilian society, from the its formation in the times of colonial slavery. With the aid of some aggregators of information in the theoretical study, we emphasize concepts such as slavery, identity and stereotype. Were information providers Joel ZitoAraújo (2004), Stuart Hall (1999), Roger Chartier (1990) and Joseph D'Assunção Barros (2009). We have concluded that the negatively stereotyped profile, passivity and lack of family nucleus, and prejudice in the formation of the identity of these people is marked by the soap opera.

Keywords: Girl Sinha. Slavery. Stereotype. Black identity. Soap Opera.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1 Metodologia.....	13
1.1.1 Procedimentos metodológicos.....	15
2. CAPÍTULO 01- CONCEITOS DA PESQUISA: O PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE	17
2.1 Introduzindo a questão escravocrata.....	17
2.1.1 O processo de escravidão dos africanos no Brasil.....	20
2.2 Em busca da liberdade: tortuosos caminhos de luta e resistência.....	24
2.3 Alforria: Um olhar complexo.....	26
2.4 Abolição da escravidão.....	28
3. CAPÍTULO 02- COMO OS NEGROS SÃO REPRESENTADOS NA TELENOVELA BRASILEIRA?	32
3.1 O gênero telenovela na formação social da identidade negra.....	32
3.2 Ficção seriada brasileira desconstruindo narrativas históricas: Uma relação de estereótipos e preconceitos.....	35
3.3 O racismo na telenovela: por onde caminha a discussão?.....	38
4. CAPÍTULO 03- O ESCRAVO PASSIVO DE SINHÁ MOÇA	42
4.1 Uma breve contextualização do universo narrativo de Sinhá Moça.....	42
4.2 Os negros presos às senzalas: Telenovela das 18h no arquétipo Histórico escravocrata.....	44
4.3 Perfil dos personagens.....	46
4.4 Apresentação de trechos da telenovela.....	51
4.5 Análise das categorias metodológicas.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62
R. Bibliográficas.....	63
R. Eletrônicas	67

1. INTRODUÇÃO

*“Só investigamos de verdade o que nos afeta”
(Gramsci, apud Martín-Barbero, 2004, p.25).*

O pensamento de Gramsci tem um significado essencial na elaboração e análise desta pesquisa. O desafio em elaborar uma investigação exige dedicação, responsabilidade e afeto, pois em tudo que produzimos deixamos marcas, preferências, nem que seja nas entrelinhas. A relação com o que pretendemos estudar tem ligação direta com a nossa trajetória histórica, com a forma em que percebemos o mundo e as relações cotidianas, o que faz apresentarmos uma pesquisa cheia de possibilidades, pois nada está dado como concluído, mas em constante processo.

Dito isto, começaremos a pesquisa apresentando a complexidade do tema escravidão do povo africano no Brasil (meados do século XVI até XIX) como fruto das mais variadas combinações econômicas, sociais e históricas. Com o surgimento e apropriação da escrita, perpassando pela chegada do comércio, o qual alterou as relações entre as pessoas, culminou no processo de civilização e, posteriormente, na propriedade privada, nas classes sociais e no sistema escravista.

Com a multiplicação dos engenhos e a necessidade de mão de obra, esse tipo de comércio foi se destacando. Vale ressaltar que “os africanos foram transplantados para o Brasil para serem submetidos a mais radical e cruel forma de imposição de desigualdades sociais”, enfatiza Barros (2009, p. 7).

No entanto, esse sistema nem sempre foi ligado aos africanos e nem sempre teve sentidos, estilos e objetivos iguais. Lovejoy(2002, p. 29), ao estudar o continente africano, “evidencia que a escravidão é bem mais antiga do que o tráfico desse povo. Ela vem desde os primórdios de nossa história, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores”.

Com isso, pode-se deduzir que existiram diferentes configurações de escravidão ao longo da história humana. E nesse contexto, Meillasoux (1995) nos diz que o termo escravo significa subjugado, submetido, dependente, servo e algumas vezes, discípulo. A partir disso, podemos destacar que a história negra no Brasil é marcada não apenas pelo período que se estendeu a escravidão, mas

também, pelas suas consequências: busca e manutenção de uma vida digna e pela inclusão e visibilidade na sociedade.

Mesmo com a abolição do sistema de escravidão em maio de 1888, com a promulgação da Lei Áurea, encontramos reiterados, nos dias de hoje, o preconceito racial, a estereotipação negativa, as desigualdades sociais e a marginalização com essa etnia. Isto sendo fruto do próprio sistema ou até mesmo de seus desdobramentos posteriores.

Dentro desse contexto, vale questionar o papel dos meios clássicos de comunicação- rádio, impresso e TV - na captura, tratamento e distribuição da informação, contribuindo para a construção hegemônica de uma identidade nacional brasileira. Com a televisão, e atualmente com a cultura da convergência¹ aliada aos elementos midiáticos e aos impactos das Tecnologias da Informação e Comunicação, no qual os produtos simbólicos perpassam os mais diversos meios, num processo cíclico e transversal em que as mídias digitais se entrelaçam com os meios massivos tradicionais, nos é permitido vivenciar um diferente momento histórico, de reflexão dos impactos que a mídia pode ter na valorização da imagem, da cultura e do protagonismo negro, segundo Araújo (2012).

No entanto, a televisão quando fundamentada em uma visão ocidental e dominante, de imposição do patrimônio civilizatório colonial, pode ser um perigoso instrumento na formação da identidade étnica e cultural brasileira. No momento em que trazemos as discussões e análise sobre escravidão e discriminação racial para os meios de comunicação e para a indústria cultural, é possível perceber um viés racista e negligenciador na sua dinâmica social.

A mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 2000, p.243)

Somado a isso, ressaltamos o papel da ficção seriada brasileira como um lugar de memória, funcionando como um banco de informações, sejam elas históricas, culturais e/ou sociais. Podendo ser revisitadas e recuperadas depois. Ou

¹Na visão de Jenkins (2008, p. 332-333), que estudou a convergência sob o aspecto da cultura popular enfocando produtos de entretenimento, afirma: “num conceito mais amplo, a convergência se refere a uma situação em que múltiplos sistemas midiáticos coexistem e em que o conteúdo passa por ele fluidamente. Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas midiáticos, não uma relação fixa.”

seja, a telenovela, presente há mais de sessenta anos na vida dos brasileiros, é ao mesmo tempo, tradição, conserto e identidade. “Ela pode surgir da adaptação de um livro ou mesmo ser inspirada em um poema, mas nunca se confundirá com elas” (CALZA, 1999, p. 7). Com grande apelo popular traz ao espectador elementos históricos e culturais, acompanhada da falsa ideia de democracia racial e de um imaginário social, muitas vezes, distorcido.

A mídia também é vista como um instrumento de controle, como uma estrutura da vida social das pessoas, um ambiente que vai além da tecnologia, o qual permite comunicar, persuadir, informar e entreter. Pode-se considerar que, de forma recorrente os discursos racistas, presentes nos meios de comunicação, são transmitidos aos brasileiros com aspectos de ‘naturalidade’ o que, num primeiro instante, impede uma crítica ou reflexão aprofundada. Os autores Farias e Fernandes(2007, p. 8) ressaltam a necessidade de estarmos atentos para perceber as pseudo-identidades construídas pela mídia “a partir da negação e do recalçamento da identidade negra, como também, um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos”.

Dessa maneira, de acordo com Solange Couceiro (1983), o aproveitamento do ator negro nas obras ficcionais brasileiras está relacionado a três arquétipos bem definidos. Primeiramente, em tramas que se situam em ambiente histórico escravocrata, com uma participação maior de personagens negros que interpretam escravos; depois atrelados a personagens subalternos: empregada doméstica, mordomo, segurança, motorista, favelado, não queremos dizer que os papéis secundários sejam indignos, mas sim problematizar porque geralmente são representados por negros. Por último, em tramas pós-escravocratas, encontramos negros desempenhando papéis de protagonistas no enredo, como também, envolvendo temas raciais, no entanto, sem profundidade nos aspectos relacionados aos personagens ou até mesmo às discussões.

Porém, nos limitaremos apenas ao primeiro arquétipo, uma vez que a telenovela em análise, *Sinhá Moçada* Rede Globo de Televisão, exibida no ano de 2006, traz um enredo com temas sobre escravidão, amor, política e liberdade. Com o intuito, a priori, de enfatizar as lutas dos escravos em conquistar a sua liberdade, além da importância deles na construção do nosso país e a união do amor “de época” com ideais abolicionistas de se fazer justiça, contando com a participação de vários atores negros.

Mas, no desenrolar dessa história percebermos a ausência de valores nacionais próprios, associando o negro a um ser sem identidade e passivo na realidade vivida, sem legitimar com eficácia, por exemplo, as lutas quilombolas pela emancipação, as fugas, os suicídios, como se eles estivessem à espera do “salvador branco”, e não participado e interferido decisivamente no processo que desencadeou a abolição. Já dizia Barros:

A história de construção da identidade negra brasileira também pode ser considerada uma história de resistências e acirradas lutas que mais tarde levariam à superação do sistema escravocrata e conduziram ao ambiente moderno de luta contra os preconceitos de cor. (BARROS 2009, p.07)

Além disso, *Sinhá Moça*, também intriga pelo fato de ter um único escravo livre e o mesmo ser branco, enquanto isso, dezenas de outros personagens também escravos, porém negros, vagam pelas senzalas à espera dos seus salvadores. Para uma melhor compreensão dessa pesquisa dividimos as observações em três capítulos distintos. Sabemos que é impossível ter consciência profunda das intenções do autor para com a trama na medida em que, muitas vezes, nem ele próprio tem essa consciência, mas podemos traçar possíveis caminhos para o estudo.

Lembramos que a primeira exibição dessa novela pela TV Globo foi em 1986, porém reescrita em 2006. Nessa última versão a novela teve 185 capítulos e foi apresentada no horário das 18 horas. Optamos em analisar esse *remake*², pois acompanhamos o momento histórico-cultural da obra, mesmo ela sendo de época, identificando melhor as práticas, interesses e dinâmicas na elaboração da narrativa..

Com base nisto, fizemos uma análise de abordagem sócio-histórica, tendo como viés a relação homem e mundo, através da mediação de produtos simbólicos, tendo como objetivo geral investigar de que maneira foi retratado o processo de escravidão e abolição na telenovela *Sinhá Moça*. Como objetivos específicos, pontuamos: a) Realizar uma breve contextualização de como se deu o processo histórico de escravidão e abolição do povo negro no Brasil; b) Refletir como esse processo foi retratado na telenovela *Sinhá Moça* e c) Analisar como alguns trechos e

² A palavra *remake* vem da língua inglesa e significa refazer. Sendo uma prática recorrentemente utilizada no cinema e na televisão (MARQUES; CAMERA, 2011). Embora se diferencie das adaptações que transpõem uma narrativa de um suporte a outro, o *remake* é também uma forma de adaptação, pois apesar de manter o suporte e o gênero, volta a produzir uma obra em outro momento histórico-cultural, com outro elenco, cenário e recursos tecnológicos.

personagens de *Sinhá Moça* refletem estereótipos negativos e preconceituosos construídos ao longo da trama.

Para tanto, elaboramos a seguinte questão problema: A construção histórica da identidade negra do nosso país se aproxima das formas de escravidão e abolição retratadas em *Sinhá Moça*? Para avançar na questão norteadora da pesquisa, determinamos agregadores de informação no aprofundamento teórico, enfatizando alguns conceitos como: escravidão, identidade, racismo, estereótipo. Com as contribuições de Joel Zito Araújo (2004), Stuart Hall (1999), Roger Chartier (1990) e José D' Assunção Barros (2009).

Conclui-se então que o perfil estereotipado negativamente, de passividade e ausência de núcleo familiar, além de preconceituoso na formação da identidade desse povo, é marcante na telenovela. A pesquisa possui abordagem qualitativa em virtude da importância que a expressão dos sujeitos possui para o estudo de um fenômeno tão complexo quanto à escravidão negra no Brasil. Ressaltamos que a proposta desta monografia decorre de nossas produções no âmbito da graduação em Comunicação e desdobram-se nas análises que já desenvolvemos no curso de especialização em História e Cultura Afrobrasileira da Universidade Estadual da Paraíba, e, na atualidade, no mestrado em Estudo da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Deixamos claro que o projeto original, para a seleção da especialização, sofreu várias alterações até a preparação do texto final de monografia: dúvidas, frustrações, recortes, leituras, produções, congressos e reflexões acompanharam essa caminhada. Diante do exposto, o estudo proposto é justificável, porque existem poucas discussões no campo da comunicação, em especial na teledramaturgia, que enfoquem o negro como personagem ativo do seu processo de abolição.

Nesse sentido, esta pesquisa mostra-se relevante e oportuna, sobretudo por produzir uma interface entre diversificados campos de estudos, como a História, a Sociologia e a Comunicação, como se espera de perspectivas teóricas interdisciplinares, servindo de estímulo para a ampliação de estudos nessas áreas e abrindo espaços para novos trabalhos.

1.1 Metodologia

Nesta pesquisa utilizaremos o método Narrativo de Conteúdo Informacional, devido o interesse em analisar as nuances da escravidão na telenovela *Sinhá Moça*.

Segundo Fachine (2013, p. 41), esses tipos de conteúdo informacional “não são de natureza ficcional, mas remetem ou ajudam a compreender o universo”. Ou seja, o tema que norteia *Sinhá Moça* é baseado em uma história verídica do povo brasileiro, e não em temas apenas de cunho ficcional, criados pelos autores. O intuito da telenovela, visto a partir desse método, é contribuir na construção de um conhecimento em torno do sistema escravista.

Sendo essa Narrativa do tipo Contextual, ela é responsável por oferecer um entendimento adicional ao universo apresentado, explorando os sujeitos envolvidos e as características inerentes ao processo, permitindo chamar atenção e obter um maior envolvimento dos espectadores com a novela, de acordo com Fachine (2013). Ao explorar vários aspectos relacionados, de modo geral, ao contexto histórico da escravidão, faz-se necessário um aprofundamento teórico, além da análise qualitativa de alguns trechos da trama, que ilustrem a temática geral da monografia.

Com isso, em virtude do interesse em trazer à tona a intimidade dos fatos, o que poderá levantar uma investigação mais profunda entre o sujeito e objeto, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa, a qual considera os instrumentos, os dados e a análise numa relação interior com o pesquisador, e as contradições como a própria essência dos problemas reais (MINAYO e SANCHES, 1993).

Para tanto, fizemos o levantamento de alguns trechos da telenovela *Sinhá Moça*, exibida de março a outubro de 2006, sendo adequados à percepção desse produto midiático, alguns procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas. Assim, definimos 13 (treze) capítulos aleatórios de *Sinhá Moça*, dentro de uma amostragem de 185 (cento e oitenta e cinco), sem necessariamente seguir uma ordem.

O nosso intuito era perceber, a partir de alguns fragmentos, como foi retratada a escravidão e a ideia de abolição na ficção, justificando o aporte teórico desenvolvido. De acordo com Rudio (1999), esse tipo de amostra denomina-se probabilística intencional, uma vez que o pesquisador seleciona os capítulos de seu interesse, levando em consideração o objetivo que pretende alcançar com o estudo e a observação.

1.1.1 Procedimentos metodológicos

No primeiro momento fizemos um levantamento de pesquisas que tinham como foco o tema escravidão em telenovelas, em portais acadêmicos (BDTD³, BOCC⁴, Google Acadêmico) e anais de congressos. O intuito foi verificar como andavam as produções voltadas para esse objeto de análise e se existia carência. Em seguida, já com todo o material coletado e detectado deficiência de pesquisas que abrangessem essa área, desenvolvemos uma primeira visualização teórica da monografia, dando suporte e condições de começar a construção da nossa contextualização.

Após a etapa de coleta de informação e organização do referencial teórico, nos delimitamos às análises de alguns trechos da ficção, com intuito de ratificar tudo que já havíamos desenvolvido nos capítulos anteriores. Foi necessário criar perfis dos personagens, os quais tivemos a oportunidade de desenvolver em um trabalho antecedente⁵, com a finalidade de situar aquele leitor da monografia que não teve acesso à ficção, como também, contribuir para nossas análises posteriores. Aliado a isso, dividimos nossas apreciações em três categorias metodológicas predeterminadas: o escravo passivo e submisso, o herói branco e o preconceito.

Feito isso, nos delimitamos ao download⁶, pela internet, de 16 (dezesesseis) capítulos aleatórios. Totalizando 8h de material, no qual, assistimos detalhadamente cada episódio, com atenção nas falas dos personagens afrodescendentes, sejam eles cativos ou não, dos abolicionistas e dos escravocratas de *Sinhá Moçaa* fim de compreender o sistema escravista retratado na ficção seriada em questão.

Em seguida, transcrevemos alguns fragmentos, transformando-os em textos (unidades textuais) de acordo com cada categoria. Depois, submetemos cada abordagem distinta à observação do conteúdo e tecemos as ponderações necessárias. Uma vez descrita e aplicada todas as etapas dos procedimentos metodológicos, acreditamos contribuir com a compreensão da realidade que o tema suscita. A novela *Sinhá Moça* surge na análise identificada pelas siglas SM.

³ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (<http://bdt.d.ibict.br/>)

⁴ Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (<http://www.bocc.ubi.pt/>)

⁵ O trabalho em questão foi a nossa Monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social, habilitação Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Com o título *Para além da escravidão: a identidade negra e a noção de preconceito apresentada na novela Sinhá Moça da rede Globo de Televisão* (FEITOSA, 2011).

⁶ Os capítulos estão disponíveis no espaço de busca do portal de compartilhamento de vídeo: www.youtube.com

Destacamos que no primeiro capítulo, optamos por expor os referenciais teóricos, procurando relacionar os conceitos estudados com a pesquisa, apresentando como fio condutor e ponto de partida de nossas reflexões uma breve contextualização histórica da sociedade brasileira, desde o período de sua formação nos tempos do escravismo colonial. Em um segundo momento, apresentamos o gênero telenovela e a sua relação com a construção da identidade negra; por último, nos delimitamos em expor as nuances da escravidão na telenovela *Sinhá Moça* até o momento da abolição, como também, a sua narrativa (personagens, cenários, universo), acompanhada de toda análise do corpus de observação.

CAPÍTULO 01- CONCEITOS DA PESQUISA: O PERCURSO TEÓRICO DA ANÁLISE

2.1 Introduzindo a questão escravocrata

Ao falarmos em escravidão, em um primeiro momento, nos vem em mente a privação da liberdade. Vale salientar, no entanto, que essa definição não abarca a atividade escrava em todos os seus aspectos. Segundo Barros (2009), o sentido mais amplo do sistema estava relacionado ao fato do escravo pertencer a um outro: ser propriedade de alguém. Além disso, a dinâmica da escravidão não necessariamente ocorreu de forma igual em todas as sociedades. Suas particularidades variavam, o cativo poderia ser produto da guerra, como também fruto de dívidas ou sequestros.

Tanto na Antiguidade como na África pré-colonial, o sistema escravista existiu em moldes bem inferiores se comparados ao que ocorreu nas Américas Coloniais, como no caso do Brasil. Nesta colônia, a escravidão foi mais extensa, mais comercial e mais desumana. Sendo os cativos trabalhadores compulsórios bem diferentes daquelas da Escravidão Antiga.

[...] o cativo passou a ser um produto tão valorizado na nova realidade econômica que os próprios grupos tribais africanos organizavam expedições de captura de escravos para depois vender aos europeus (BARROS, 2009, p. 45).

No entanto, distinguir “trabalho escravo” de outras formas de trabalho compulsório renderia em intermináveis percursos teóricos. Por ora, enquadraremos algumas distinções que acreditamos ser suficientes para suprir os objetivos desta pesquisa. Com as contribuições de Moses Finley (1991, p. 73), foi possível perceber no livro *Escravidão antiga e ideologia moderna*, um tipo de trabalhador compulsório da Grécia, os chamados “hilotas”, baseados em “uma população inteira (ou várias) submetida à dependência, enquanto os escravos, por dívida ou não eram submetidos individual e separadamente”.

Dessa maneira, consideramos a questão do escravo como propriedade de um indivíduo, sendo seu destino particular e não coletivo, uma forma de distinção. Além disso, é oportuno apresentar que em vários momentos da escravidão moderna, tal como na antiga, existia a proibição aos escravos de ter acesso a uma parte do produto que produziam, a não ser que o seu senhor lhe concedesse isto,

diferente de outros trabalhadores compulsórios que asseguravam o seu direito ao produto. E se compararmos com as formas de escravidão na África Antiga, perceberemos a ausência do tráfico negreiro, já que o cativo não poderia ser afastado da família, e nem vendido. Já em algumas regiões, os filhos de escravos nasciam livres para prontamente serem unidos à família do senhor, segundo Mattoso (1982, p. 25).

Dito isso, retomamos a questão central mostrando que o sistema de escravidão, marcado por quatro séculos de sofrimento e desigualdade social, entrelaça-se com a consolidação do negro como a representação subjugada do processo. A princípio “mescla, sem confundir, as etnias⁷, tribos e clãs”, Mattoso (1983, p.23), mas posteriormente, é alterada para o patamar de igualdade, generalizando todos de “negro”. A partir daí, Barros (2009, p.39) ressalta que essa visão “foi de algum modo uma construção ‘branca’- já que os povos africanos apenas enxergavam a si mesmos como pertencentes a grupos étnicos bem diferenciados”. Devido a isso, uma extensa diversidade étnica se resumiu em torno da semelhança do tom da pele.

Por outro lado, ainda segundo Assunção Barros (2009), um primeiro ponto a se considerar quando buscamos analisar a escravidão de modo geral e com ênfase no social, é entender que repressões de ordem exclusivamente econômica, normalmente ligadas a trabalhadores livres e ao mundo capitalista, não eram o que ditava a essência do trabalho escravo, mas sim a violência física, a morte e a captura, características extraeconômicas. Nisto, se tomavam os escravos como incivilizados e meros objetos, fruto de uma construção histórica que apoiava o sistema.

Além disso, em decorrência da escravidão houve também a perda da personalidade e o rompimento de laços sociais, como o de parentesco. “O ato de arrancar o negro de sua terra natal é apresentado como benefício para ele próprio, como caminho para afastá-lo da barbárie e levá-lo à civilização” (GENNARI, 2008,

⁷ O termo étnico geralmente marca as relações tensas por causa das diferenças na cor da pele e nos traços fisionômicos que caracterizam a raiz ancestral dos mais diversos grupos, que difere em visão de mundo, valores e princípios de origem indígena, africana, europeia ou asiática. O termo étnico é fundamental para demarcar que indivíduo pode ter a mesma cor da pele que o outro, o mesmo tipo de cabelo e traços culturais e sociais que os distingue, caracterizando assim etnias diferentes, segundo Petronilha Beatriz Silva (Brasil, 2004).

p.27). No entanto, esses argumentos não afastavam o medo dos escravos de serem vendidos a qualquer momento, como também, o medo de serem enviados para outros locais com naturezas ainda piores de trabalho, uma vez acontecendo isso:

O escravo passa a ser aqui, então, 'estrangeiro absoluto', aquele que perdeu todos os direitos sobre si e já não possui praticamente nenhuma familiaridade com relação ao homem livre, a não ser a sua humanidade mínima, que mesmo assim por diversas vezes é negada. O escravo tornado diferença, perde até mesmo o mais simples elemento que poderia preservar para a afirmação desta humanidade: o parentesco. (BARROS, 2009, p. 34)

Somado a isso, o imaginário africano, construído pela Europa no período de escravidão, ratifica o que falamos anteriormente, uma África associada à ideia de atraso, selvageria, de humanidade indesejada, inferior e hostil, servindo de suporte ao tráfico negreiro e a mais degradante forma de opressão. Em termos de domínio econômico, o continente europeu liderava o comércio de escravos, de acordo com o mapa de Heinrich Bunting⁸, elaborado em 1581, expressando a superioridade da Europa em relação aos outros continentes.

Com a diversidade da África renegada, associada apenas como um bloco continental, quaisquer características culturais, geográficas ou étnicas, provenientes deste continente, eram desprezadas. Restava ao seu povo a escravidão com as bênçãos papais. “Em 1537, em uma bula papal promulgada por Paulo III, a Igreja desaconselha a escravidão indígena, mas conserva posição de indiferença com relação à escravidão negra” (BARROS, 2009, p.43). Além disso, eles eram considerados escolhidos por Deus para desempenhar essa função de sacrifício:

Cristo despido e vós despidos; Cristo sem comer e vós famintos; Cristo em tudo maltratado e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isso se compõe a vossa imitação, que se for acompanhada de paciência também terá merecimento de martírio. (REIS; GOMES, 2000, p. 71).

Agregado a isso, do ponto de vista legal, a escravidão transformava o indivíduo cativo em um ser distante de todos os seus efetivos direitos, fossem eles políticos, jurídicos ou sobre si. A discriminação racial e a desigualdade social no Brasil, com fortes influências do passado, como pudemos verificar, teve sua origem com a escravidão e desdobrou-se na atualidade em forma de preconceito e

⁸ Apresenta a Europa como rainha e detentora de poder. Ver mapa em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000400009> Acesso em abril de 2014

marginalização, passando por várias fases: o mito da democracia racial (a falsa ideia de que não existiria racismo aqui), o mito do racismo cordial (de que o preconceito aqui seria mais leve, e haveria uma convivência fraterna entre negros e brancos) e no estágio atual, a constatação do racismo com luta aberta contra a discriminação.

No entanto, até chegar nessas considerações, precisamos refletir o caminho histórico da escravidão no Brasil, a partir de uma breve contextualização de como foi esse processo. Resgatar esses acontecimentos é ter a oportunidade de refletir a memória negra, construída a priori por uma visão européia, mas também, apresentar com êxito as intermináveis formas de resistência e rebeliões dos escravos que levaram à liberdade.

2.1.1 O processo de escravidão dos africanos no Brasil

O interesse da coroa portuguesa em colonizar o Brasil não estava ligado a uma preocupação de desenvolvimento local ou de beneficiar os nativos da região. O empenho partiu da necessidade de garantir novos recursos e domínios, levando Portugal a realizar extensas viagens marítimas em busca de terras ricas e “sem donos”. O pau-brasil, no primeiro momento, foi o produto mais abundante encontrado em terras brasileiras, cuja retirada era facilitada pelos índios. Em retribuição aos favores, os nativos recebiam espelhos, facas, canivetes e outros objetos, segundo Ribeiro (1995).

Com isso, a terra farta em pau-brasil passou a despertar interesse de outras nações. O vir colonizar rapidamente o “novo mundo” foi uma estratégia de comando. E graças ao vantajoso clima e vegetação, foi possível começar as atividades de cultivo da cana, o qual desempenhava outra forma de lucro. Para tanto, fazia-se necessário longas extensões de terra e muita força de trabalho. Em um primeiro momento foi cogitado trazer da Europa camponeses sem terra para desempenhar o trabalho, mas logo mudaram de ideia. Homem livre não aceitaria um trabalho forçado, “um trabalhador agrícola que pudesse ser obrigado a ficar na terra e a desempenhar suas funções nas condições impostas pelo dono da plantação só poderia ser um escravo” (GENNARI, 2008, p. 15).

Nesse contexto, uma vez adotada a decisão de colonizar o território, Portugal se vê obrigado a mudar sua estratégia de força de trabalho. Segundo Gennari (2008), a relação anteriormente estabelecida com os índios passa a ser

substituída por formas de exploração e extermínio. Por muitos anos os índios desempenharam atividades escravas ao lado dos negros africanos, provenientes do tráfico, estes, por sua vez, arrancados do próprio meio social. Porém, com a real substituição dos índios pelos cativos da África os lucros com o tráfico cresceram assustadoramente. Sendo no século XVII, o período de concretização da produção de açúcar no Brasil e do uso de mão-de-obra escrava africana, de acordo com o mesmo autor.

Dessa maneira, foi a partir do intenso trabalho africano que o escravismo colonial no Brasil consolidou-se, sendo sua realização fruto dos mais variados discursos de superioridade dos brancos em relação aos negros. Além da disseminação de um ponto de vista europeu, que defendia o vir a ser escravo como uma condição da essência negra ou uma característica da sua natureza e não uma circunstância. “Não seriam certos indivíduos de natureza humana deficiente, como propunha Aristóteles, que deveriam estar destinados à escravidão, mas sim um grupo específico, que traria a cor da pele os sinais de uma inferioridade na alma.” (BARROS, 2009.p.38).

Ligado a isso, Portugal estimulava severas rivalidades étnicas no interior da África, com intuito de selecionar os escravos que viriam compor o sistema escravista no Brasil. Assim, guerras e conflitos no seio das tribos passaram a ser recorrentes, sendo de extremo interesse aos traficantes negreiros, uma vez que grande parte do povo vencido se tornaria cativo do sistema. Sequestrados ao Brasil, os escravos de mesma etnia e região eram separados. Darcy Ribeiro (1995) nos explica que

[...] a diversidade linguística e cultural dos contingentes negros introduzidos no Brasil, somada a essas hostilidades recíprocas que eles traziam da África e à política de evitar a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia nas mesmas propriedades, e até nos mesmos navios negreiros, impediu a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano. (RIBEIRO, 1995, p.115)

No entanto, não só o patrimônio cultural e certos padrões da identidade localafricana estavam em risco, imaginemos as condições com as quais esses escravos eram transportados nos navios. Vários relatos nos mostram os africanos acorrentados, sem alimentação, sofrendo maus tratos em locais apertados e repletos de gente, uns em cima dos outros, sem falar das várias doenças contraídas. Isso tudo associado aos longos percursos de viagem nesses navios que geravam um alto índice de mortalidade.

Batizados e marcados a fogo como uma cruz no peito, os negros são colocados em navios que deixam o continente africano abarrotado de gente. A depender da distância entre o porto de partida e o de chegada no litoral brasileiro, de eventuais epidemias ou acidentes que podem prolongar o tempo de viagem, os traficantes perdem até 20% da carga humana que transportam. Mas essa mortalidade é amplamente compensada pela diferença entre o preço de compra na África e o de venda no Brasil. (GENNARI, 2008, p.20-21)

Essa busca incessante por escravos, baseado em um sistema econômico que sobrepõe a dignidade humana, não cessava com o desembarque dos cativos no Brasil. Outra etapa se dava início, não menos subumana, pois, ao chegarem às propriedades dos senhores, eles eram chicoteados, sujeitos a longas jornadas de trabalho (dezoito horas por dia), poucas vestimentas, reduzida quantidade de comida (o que lhes restaurava a capacidade de trabalhar era uma parca e porca ração de bicho) e ausência de dias livres de descanso, de acordo com Ribeiro (1995).

Nas senzalas os escravos ficavam submetidos à fome, frio e maus tratos. Vários castigos, acompanhados de violências e mortes, marcaram um verdadeiro sistema de terror. Sua rotina era trabalhar todos os dias debaixo de cruéis chicotadas para que pudesse produzir mais atento e tenso. Assim – sem amor algum, sem familiares, sem sexo, sujo e maltrapilho, fedido e enfermo, sem qualquer motivo de alegria ou prazer – é que o escravo negro era reduzido a um “ninguém” por seu senhor (Ribeiro, 1995).

Com intuito de coibir a rebeldia e as fugas, senhores e feitores aplicavam rigorosas punições, como longas chicoteadas nos escravos que eram colocados no tronco⁹. Além disso, existiam outras formas de castigo, como “castração, destruição dos dentes, marteladas, amputação dos seios, vazamento dos olhos, marcas no rosto com ferro em brasa [...]”, relatado por GENNARI (2008, p. 26). Essa lista de horrores, justificadas pela busca do lucro e apoiadas pelos próprios papas, como já referido anteriormente, vão se reverter nas mais variadas formas de resistência e rebeldia dos cativos.

Apresentaremos mais adiante a luta dos escravos na busca de sua liberdade, ratificando que nem todos foram submissos ao processo histórico de escravidão, como também, nem todos se encontravam na mesma situação; existiam

⁹ “Dois grandes pedaços de madeira retangular que imobilizavam pés, mãos e pescoços”, explica (GENNARI, 2008, P. 25).

os libertos e alforriados. Mas, de forma geral, a diversidade étnica foi reprimida, além de sua identidade acuada.

Por outro lado, vale salientar que se começava no Brasil um intenso desafio por parte dos escravos, voltado ao estabelecimento de novas identidades culturais ligadas à colônia. Sendo possível, ao longo de várias gerações, mesmo com todos os obstáculos, construírem uma intensa produção cultural, ligada à arte, religião, comida, música e tantas outras áreas originadas sob diferentes circunstâncias e influências, sendo oportuno considerar que até hoje o “continente africano é o mais rico em diversidade do planeta”, destaca (BARROS, 2009, p.54). O autor citado expõe ainda que o continente africano apresenta um quarto de todas as línguas em uso do mundo.

Fruto deste continente e mais especificamente da área do Congo e Angola, veio a maior parte dos cativos submetidos à escravidão. Ao contrário de outras colônias da América, como Estados Unidos e República Dominicana, nas quais a ênfase da exportação foi do oeste da África, preferencialmente na área do golfo da Guiné e zona sudanesa ocidental. Informações estas, provenientes da pesquisa de rastreamento de DNA da Universidade de Santiago da Compostela¹⁰, cujo objetivo era mapear o predomínio de diferentes povos africanos nas Américas. Lembramos que através do circuito de exportação, vinha agregado a ele, mesmo que de forma retraída e controlada, diversas contribuições para a cultura das colônias. Como é o caso do Candomblé¹¹, de matriz africana, implantada no Brasil.

Outra questão a se considerar é o fato de ter surgido no Brasil etnias muito próximas às africanas, no entanto, sendo sua origem interna à colônia. Alguns autores (LAW, 1977; MATORY, 1998), chamam atenção para o fato de que “etnias” como *nagô* constituem na verdade construções identitárias posteriores, no nível transatlântico e não propriamente africana. Essas “etnias da diáspora”, também podem ser vistas como formas de resistência, porém, esboçar a complexidade que envolve cada uma delas, renderia mais aprofundamento teórico e histórico. Como este não é o objetivo que nos interessa no momento, focaremos apenas no campo

¹⁰ Informações veiculadas na Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2103200401.htm>> Acesso em março de 2014.

¹¹ O candomblé é uma religião dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX. Trazida ao Brasil pelos negros escravizados na época da colonização brasileira, segundo Prandi, R. (2004).

das contextualizações gerais.¹² Associado a isso, pontuamos também outras diferenças formadas na colônia como: os *crioulos*¹³ e *pardos*¹⁴.

Enfim, nesses longos anos de escravidão e construção histórica da identidade negra, percebemos diversas sequelas oriundas deste sistema colonial, onde a desigualdade social, o preconceito e o racismo existem efetivamente até hoje, sendo implantados “à medida que se inculcavam nos africanos sentimentos de inferioridade, uma péssima ideia de si mesmos e de suas etnias, além de estigmas associados à cor negra”, Gennari (2008, p. 27). Ou seja, fortalecer reflexões sobre a escravidão colonial no Brasil e os seus impactos é uma forma de fortalecimento da consciência negra, além de uma oportunidade de mostrar historicamente os escravos como personagens centrais na sua luta pela liberdade, a qual conduziu à abolição.

2.2 Em busca da liberdade: caminhos de luta e resistência

Encontramos associada à escravidão longas tentativas em busca da liberdade. Resistir ao sistema não era uma tarefa fácil, devido, principalmente, à rígida vigilância dos feitores¹⁵, que estavam autorizados a cometer qualquer violência em prol da ordem e do bom exemplo. O negro que fugia e era capturado podia ser marcado com ferro em brasa, viver atado a uma bola de ferro ou até mesmo ser queimado numa fôrnalha. Somado a isso existia a dificuldade de organizar ações coletivas, na medida em que os escravos apresentavam diferentes etnias, tradições e línguas, como nos explica Ribeiro (1995). As distâncias territoriais também impediam, de certa maneira, lutas mais efetivas e difusão de planos de fuga. Apesar de todos os obstáculos, intensas formas de resistência foram registradas, mostrando que aquela suposição de passividade não tinha embasamento.

¹² No livro “A construção social da cor” de Barros (2009, p.88), é possível visualizar o esquema que apresenta os três tipos de etnias referentes aos escravos africanos.

¹³ “Homens de pele identificada como negra nascida no Brasil”, Barros (2009, p. 92).

¹⁴ “Pardo, ou mulato, são produto da mestiçagem de africanos com brancos europeus ou descendentes de europeus já enraizados na colônia”, Barros (2009, p. 92).

¹⁵ “O Feitor tinha as funções de reger o comércio e arbitrar a comunidade de mercadores, assim como exercer a função de capataz dos escravos de sua feitoria”, de acordo com Júnior (2010). Disponível em <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/feitorias/>> Acesso em maio de 2014.

De acordo com vários estudos¹⁶, percebemos que fugas, organizações de quilombos e revoltas ocorreram em todos os locais onde houve escravidão. Mesmo aquelas sem êxito completo, foram capazes de transformar, ao longo do período escravista, as formas de dominação dos senhores, espalhando a notícia de diversas ações e caminhos rumos à liberdade. Como exemplo temos Zumbi¹⁷ dos Palmares, símbolo da resistência negra na busca por justiça, líder de vários movimentos de instabilidade ao sistema. Além de motivador na organização de outras revoltas.

Por melhorias nas condições de vida; das pequenas sabotagens até as grandes organizações de movimentos, passavam a compor as décadas que antecederam a Lei Áurea. Se antes o intuito era conquistar a liberdade, com a possibilidade de abolição, a questão passa a envolver também lutas pela extinção absoluta da escravidão. Cabe destacar ainda que, contra o sistema, importantes insurreições¹⁸ se estabeleceram, como a Revolta dos Malês¹⁹, em 1835, na Bahia. Liderada por negros africanos, tratou-se da rebelião que mais se aproximou com a Revolta do Haiti²⁰, como também, a que obteve melhores resultados, mesmo sendo malsucedida, afirma Barros (2009).

Além disso, é importante salientar o papel desempenhado pelos agrupamentos coletivos provenientes dos cativos em fuga, os chamados quilombos. Neles, existia a possibilidade de construir uma outra sociedade, ou pelo menos, servir temporariamente de refúgio. Se analisarmos pelo viés cultural e de possibilidade de retorno ao continente africano, segundo Carneiro (1958), perceberemos os quilombos como espaços de diminuição das desigualdades, de livre exercício de suas práticas africanas e de manutenção da identidade do seu povo, tendo como maior exemplo o quilombo dos Palmares na capitania de Pernambuco.

¹⁶ Como é o caso do livro *Caminhos da liberdade- Histórias da abolição e do pós abolição no Brasil*. Lançado em 2011 com organizado de Martha Abreu e Matheus Serva Pereira. Disponível em <<http://escrivencia.files.wordpress.com/2014/03/caminhos-da-liberdade.pdf>> Acesso em janeiro de 2014.

¹⁷ Descrito como “negro de singular valor, grande anônimo e constância rara, cuja capacidade de ação, juízo e fortaleza aos nossos serve de embaraço e aos seus de exemplo.” (FREITAS, 1984, p. 113)

¹⁸ “Ação de insurgir ou insurgir-se. / Sublevação, rebelião, revolta contra o poder estabelecido. / Oposição veemente”, segundo o dicionário online do Aurélio. Disponível em <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Insurreicao.html>> Acesso em abril de 2014.

¹⁹ Para um estudo completo, ver Reis, 2003.

²⁰ Insurreição, na qual, os escravos negros conseguiram assumir o poder sobre a ilha e assassinaram todos os brancos, conforme BARROS (2009, p. 184).

Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia, fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebeleva-se individual e coletivamente. Houve um tipo de resistência que poderíamos considerar a mais típica da escravidão [...] trata-se das fugas e formação de grupos de escravos fugidos [...] essa fuga aconteceu nas Américas e tinha nomes diferentes: na América espanhola: Palenques, Cumbes; na inglesa, Maroons; na francesa, grandMarronage e petitMarronage [...]; no Brasil, Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, Calhambolas ou Mocambeiros. (REIS, 1996, p.47).

Somado a isso, encontramos outras maneiras de resistência, como o suicídio e o aborto, além da capoeira, associada a uma forma de autodefesa e manutenção de tradições culturais. Por outro lado, oferecer informações sobre o papel ativo dos escravos contra o sistema é falar também do empenho dos abolicionistas. Essas vozes denunciaram a escravidão e junto aos cativos condenaram abertamente o sistema, seu fim era uma questão de urgência.

Dentro desse contexto, a defesa ao antiescravismo no Brasil foi ganhando fôlego, acompanhada dos discursos de desconstrução do sistema, com vistas a beneficiar o surgimento de uma sociedade menos desigual e plena. Conseqüentemente, a integração dos escravos, com movimentos abolicionistas e parte da população livre que apoiava o fim da escravidão serviu de pressão social com profundos impactos. No entanto, retomaremos a esse assunto mais adiante, antes faz-se necessário entender a ideia de alforria e suas conjecturas.

2.3 Alforria: Um olhar complexo

Um panorama final se torna agora possível de se ver, considerando as questões até aqui pesquisadas, é necessário, no entanto, um olhar mais complexo sobre a dicotomia existente entre liberdade e escravidão. No contexto do sistema escravista brasileiro, essas noções foram tratadas de maneiras distintas. Ter um escravo que aspira ser reconhecido como pessoa perpassa pela possibilidade de alforria. Porém, ser alforriado não necessariamente significava independência social ou melhores condições, além disso, a possibilidade de forro não existia para todos.

Com isso, conquistar alforria não era uma tarefa fácil, normalmente envolvia altos pagamentos aos senhores. Comprar a sua liberdade, ou mesmo de um outro: parentes ou amigos, era “decorrência de algum tipo de atividade específica ou de

condições mais favoráveis de trabalho escravo, de verdadeiras ‘brechas na escravidão’, no qual, conseguirão economizar algum ganho” (BARROS, 2009, p. 129), e assim ter possibilidades de arcar com os pagamentos. Por outro lado, existia, mesmo que em menor recorrência, os forros gratuitos, sem que o cativo tivesse de oferecer serviços ou realizar qualquer tipo de pagamento. Porém, Eisenberg (1987) nos lembra que:

A alforria nunca foi gratuita. Mesmo sem ter de pagar dinheiro ou prestar serviços para receber a alforria, o indivíduo, durante a sua vida de escravo, já entregava valores para o senhor, sem que tivesse havido uma contrapartida de valores iguais entregues ao escravo. (EISENBERG, 1987, p. 2010)

A partir desse parâmetro, também se fazia necessário acrescentar no documento de alforria, independente da forma: gratuita ou por meio de pagamento, os motivos que conduziram os escravos à liberdade. Questões de lealdade, bons serviços e envolvimento afetivo, frequentemente eram as justificativas mais utilizadas no testamento, de acordo com Barros (2009). As alforrias condicionadas²¹, não fugiam das questões já apresentadas, estas, por sua vez, comprometiam a liberdade efetiva, já que o escravo continuava dependente das ordens dos senhores.

Sem falar nos vários cativos que conquistaram sua alforria já idosos, muitos doentes ou deficientes, sendo lançados à própria sorte, na qual, conquistar bons frutos no mundo liberto se tornará outra forma de extrema mendicância. Mas, antes de prosseguirmos nas questões que envolvem a efetiva alforria, ressaltamos que o preço do forro variava de acordo com a “estabilidade do tráfico negreiro”. Ou seja, se o tráfico vai bem, a oferta de compra de alforria era mais baixa, se o tráfico vai mal, o valor da alforria já ser tornava exorbitante, uma vez que a mão de obra compulsória ficava mais cara e escassa, explica o autor citado anteriormente.

Nesse contexto, com o passar da escravidão, a concessão de alforrias tenderia a se reduzir consideravelmente, sendo as pressões internacionais, com fins ao fim do Tráfico Atlântico, um dos responsáveis pelo ápice do preço do escravo. Por outro lado, estabelecia-se um momento de avanço, afinal, em breve, estaria proibido legalmente o cruel sequestro de africanos para o Brasil, assinalado em

²¹ “Por Direito Romano, o *statuliber* era aquele que tinha a liberdade determinada para um certo tempo, ou dependente de condição.” (MALHEIRO, 1866, p. 157).

1850. Acompanhado deste, tivemos outras proibições como a *Lei do Ventre Livre*²², a qual, envolvia certas contradições²³, segundo Menezes (2009).

Daí em diante, a possibilidade de abolição da escravidão provavelmente gerou receio e temor aos senhores. Com isso, entra a complexidade que havíamos mencionado no início, o risco de perder todos os escravos com o fim do sistema, sem qualquer indenização, estimulou algumas alforrias com contratos de dependência, como estratégia dos senhores em garantir poder sobre suas mercadorias, como eram vistos os cativos. Ou seja, esse ser liberto continuava inscrito na própria lógica de dominação do sistema. Corroborando com essa perspectiva, Sidney Chalhoub (1990) nos mostra que:

A ideia era convencer os escravos de que o caminho para a alforria necessariamente passava pela obediência e fidelidade ao senhor. Mais ainda [...] a concentração do poder de alforriar exclusivamente nas mãos dos senhores fazia parte de uma ampla estratégia de produção de dependentes, de transformação de escravos em negros libertos ainda fieis e submissos a seus antigos proprietários. (CHALHOUB, 1990, p. 100)

Porém, acreditamos que mesmo sem ser uma liberdade definitiva, o ritmo histórico e as circunstâncias afetaram diretamente essas várias formas de permissão de alforria que, ao lado de discursos abolicionistas mais radicais nos anos de 1870, estimularam medidas emancipacionistas com urgência, como destacou Barros (2009). Por fim, apresentamos que, de forma geral, o sonho da alforria funcionou como instrumento de pressão na luta contra a escravidão. Ressaltamos, no entanto, que ela em si não passou de um mecanismo de manobra senhorial. Contudo, a real busca pela alforria foi sim o fator decisivo para o surgimento de um novo tempo.

2.4 Abolição da escravidão

Não há como negar que o empenho individual e coletivo dos escravos, aliado a fervorosos depoimentos antiescravistas e ao apoio internacional, foi uma importante contribuição na luta pela supremacia total da escravidão. Mesmo com a

²²“Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascem a partir desta data, liberta os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravo”, declara Menezes (2009, p.101-1012).

²³A Lei não prevê uma educação das crianças livres; preocupa-se com sua criação e manutenção até os 8 anos de idade, sendo que a partir daí e até os 21 anos, o jovem deveria, como retribuição, prestar serviços ao senhor de sua mãe, que tinha o direito, inclusive de castigá-lo, afirma (MENEZES, 2009, p. 90)

criação de leis emancipadoras, que continuavam com brechas de permanência da condição de dependência dos cativos em relação aos senhores, ainda assim, o fim do tráfico Atlântico e a *Lei do Ventre Livre*, representaram umas das primeiras medidas que corroboraram para o término da escravidão.

Todas essas ações, associadas a fugas permanentes, rebeldias, revoltas e negociações, serviram para desencadear expressivos momentos na conquista da libertação, sendo os anos de 1870 os mais efervescentes, como já citado anteriormente. Segundo Barros (2009), comprovou-se que a abolição não foi uma dádiva, mas uma conquista diária contra os senhores e as imposições do pensamento europeu. Além disso, ressaltamos também que questões econômicas contribuíram para o fim do trabalho escravo, uma vez que os grandes proprietários começaram a despertar para interesses industriais e para a substituição da mão de obra cativa.

Por outro lado, é interessante lembrar que nos períodos mais próximos à escravidão, foi construído um perfil humanizado em relação aos escravos, recebendo destaque em várias obras literárias da época²⁴. No entanto, a elaboração desse perfil não foi uma conquista apenas dos intelectuais, afinal, os cativos sempre lutaram por isso. O que estava ocorrendo era um momento de intenso movimento popular pela Abolição, veemente pautado em discursos radicais, baseado em três vias, segundo Menezes (2009):

a) a via parlamentar, legal; b) a Campanha Popular, propriamente dita, através da edição de jornais, da criação de Sociedades Abolicionistas, revivendo uma, congregando outras, da agitação através da promoção de Encontros, Conferências Públicas, Congressos, eventos, Quermesses, não só com a finalidade de manter vivo o debate sobre a Abolição como para angariar fundos e realizar libertações de escravos; e c) a ação direta, através do incentivo à fuga dos escravos e mesmo, a libertação de bairros inteiros, cidades inteiras, províncias inteiras, tanto por alforria paga, como gratuita. (MENEZES, 2009, p.91)

Nesse contexto, percebemos que duas concepções foram levantadas para a extinção do sistema escravista: a ideia de emancipacionismo e abolicionismo, que geralmente causam confusões. No entanto, procuraremos esclarecer de forma geral, que a primeira, apoiada pioneiramente por Joaquim Nabuco, refere-se a medidas paliativas para o fim da escravidão, ao estilo *Lei do Ventre Livre*, ou seja, ainda

²⁴ *O mulato* de Aluísio de Azevedo (1881); *O navio negreiro* de Castro Alves (1868); *Mauro, o escravo* de Fagundes Varela (1864), dentre outros.

ligada a soluções de cunho imediato, com poucas garantias aos que já eram escravos. Nesse período emancipador, Nabuco, por meio de projetos de lei e da contribuição da propaganda, procurou reunir apoio popular na luta contra a escravidão. Em 1880 o mesmo cria a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, e junto a ela estabelece o jornal²⁵ *Abolicionista*, de acordo com Barros (2009).

Um novo ambiente estava se estabelecendo, o movimento social ganhara força, o objetivo era emancipar as províncias e estabelecer uma sociedade sem escravos. O Ceará, por exemplo, decreta o fim da escravidão em seu território em 1884, quatro anos antes da *Lei Áurea*, (ABREU; PEREIRA, 2001). Nesse mesmo ano, estava em discussão no parlamento uma lei emancipadora, posteriormente chamada de *Lei dos Sexagenários*, que de forma gradativa pretendia chegar ao fim do trabalho servil através de algumas questões, entre elas: “a idade do escravo; por omissão de matrícula; através do fundo de emancipação; por transgressão do domicílio legal do escravo” (MENEZES, 2009, p.92).

Essas propostas e intenções emancipacionistas se depararam com a oposição de vários abolicionistas, estes, por sua vez, preocupados com a efetiva abolição, mas, ao mesmo tempo também, com as condições que os libertos encontrariam na pós-escravidão, procurando estabelecer uma articulação com a sociedade. O intuito era constituir medidas que, de alguma forma, evitassem a desigualdade e promovessem a cidadania quando os escravos fossem libertos, sendo toda e qualquer atividade registrada pela imprensa, a qual gerou repercussões ainda extensas. A partir daí, os fatos se sucederam com maior agilidade e participação dos próprios donos de terra.

Antônio Prado, cafeicultor paulista da zona de expansão, adere à campanha abolicionista em favor de uma maior entrada de imigrantes e sua utilização massiva em substituição à mão de obra escrava (MENEZES, 2000, p. 93).

Além disso, André Rebouças, um dos mais atuantes representantes da ala abolicionista, defendia a reforma agrária como mecanismo de transformação social, capaz de diminuir os impactos da desigualdade, segundo Barros (2009). Na visão de Rebouças, não bastava apenas abolir, fazia-se necessário o fim da concentração de poderes nas mãos da elite agrária. Os seus argumentos, relacionados à escravidão,

²⁵Outros jornais e sociedades abolicionistas vão sendo criados. Ao lado Nabuco, encontramos, por exemplo, José do Patrocínio, através da Gazeta da Tarde. Ver artigo: “*Abolição no Brasil: a construção da liberdade*”. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/36/art07_36.pdf>. Acesso em: maio, 2014.

estavam diretamente ligados a várias outras questões. “Suas preocupações, de fato, voltaram-se para muito além da mera emancipação jurídica do escravo, tocando em questões como a educação, a participação política, e, sobretudo o direito à terra” (BARROS, 2009, p.165).

Assim, nos anos que antecedem a escravidão, os intelectuais que eram meramente emancipacionistas se tornaram abolicionistas. E ao longo dos anos 80 elaboraram vários projetos em torno da escravidão, que incorporados à pressão pública, ao gestor parlamentar e avia do *Decreto Régio*, culminaram na promulgação da Lei Áurea²⁶, assinada pela Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, em 1888, dando fim a mais de 300 anos de escravidão. Com isso, após toda uma contextualização histórica sobre o sistema escravista no Brasil, acreditamos ser possível estabelecer uma nova etapa na pesquisa, esta, com base na atualidade, voltada para a participação dos negros nas telenovelas brasileiras, com ênfase nas questões histórico escravocratas de *Sinhá Moça*.

²⁶ O texto da lei trazia apenas dois artigos: "Artigo 1º - É declarada extinta a escravidão no Brasil; Artigo 2º - Revogam-se as disposições em contrário". Fonte: Universia Brasil. Disponível em <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2011/05/13/823734/estude-historia-da-escravido-e-da-lei-aurea.pdf>>. Acesso em: março de 2014.

CAPÍTULO 02- COMO OS NEGROS SÃO REPRESENTADOS NA TELENOVELA BRASILEIRA?

3.1 O gênero telenovela na formação social da identidade negra

Encaramos essa pesquisa como um exercício social que poderá estimular as inteligências, a construção de conhecimento e distintas formas de compreensão a respeito do papel das telenovelas na formação da identidade negra. Dessa maneira, iremos refletir sobre o modo como a teledramaturgia, enquanto sistema idealizador de produtos simbólicos, atua na representação e construção das identidades, em nível individual e coletivo. Para tanto, apresentaremos inicialmente uma breve contextualização histórica da teledramaturgia brasileira, desde a sua emergência na década de 50 até os dias atuais. Cremos ser importante realizar essa retomada, afinal, acreditamos que as ficções seriadas ainda trazem consigo uma herança dominante do escravismo colonial, que funciona como referência na construção da nossa sociedade. Herança esta, pautada em uma matriz europeia de pensamento e comportamento, que reitera estereótipos negativos e negligenciadores.

Desde a sua origem, em 1951, a telenovela²⁷ ecoa a ideologia do branqueamento. O seu universo ficcional apresenta padrões estéticos e culturais que persistem na superioridade do branco em relação ao negro, de acordo com Araújo (2012). Por meio da circulação de significados, signos e interpretações, o seu discurso possibilita a construção de uma realidade preconceituosa, racista e excludente. Fiorinnos (2003, p.54) explica que “o discurso não reflete uma representação sensível do mundo, mas uma categorização do mundo, ou seja, uma abstração, efetuada pela prática social. A percepção pura não existe [...]”. Com isso, os discursos midiáticos não são capazes de refletir de forma objetiva o mundo em que vivemos, porém, espera-se que esses sejam co-responsáveis em problematizar e combater a discriminação, e não fomentar a desigualdade.

Essa ficção seriada televisiva emergiu nos moldes dos teleteatros e das radionovelas, após a inauguração, em 1950, da TV Tupi de São Paulo. Apenas nos anos 70 a novela, ao lado do telejornal, adquiriu o status definitivo de programa de

²⁷“É considerada uma peça fictícia desenvolvida pela televisão. Levada ao ar diariamente por meio de capítulos, aonde a trama vai sendo desenrolada na medida em que é apresentada ao telespectador. Diferenciando-se, por exemplo, do teatro e do livro, que depois de idealizada a obra é dada ao público, normalmente sem a possibilidade de inserção de novos rumos e personagens” (FEITOSA, 2011,p. 14).

maior audiência e de sucesso com o público. No entanto, é na década de 80 que ela passa a ser o principal gênero de exportação da televisão nacional, sendo este mercado dominado pela Rede Globo (MELO, 1988). Hoje, é possível perceber uma reconfiguração da teledramaturgia brasileira, desde o seu nascimento, passando por inúmeras transformações que modificaram não somente as formas de produção, de circulação e consumo.

Estamos diante de um novo gênero que se destaca pela presença de uma narrativa mais ampla, com fortes influências tecnológicas, atingindo as mais variadas plataformas e com uma comunicação cada vez mais interativa e intimista. Sendo também considerada como o programa mais legítimo nas preferências populares (BARBERO, 1997). Por outro lado, a telenovela não deve ser vista apenas como um gênero, uma mercadoria ou entretenimento. Antes, é um espaço interlocutor entre a ficção, o imaginário e o meio social, servindo como um canal de mediação da sociedade. Portanto, ao falar em telenovela, devemos levar em consideração o seu poder de alcance na construção de identidades, uma vez que o homem é um sujeito social formado a partir das diversas mediações que se colocam entre ele e o mundo. Dentre essas instâncias mediadoras podemos citar desde a família, a escola até a mídia.

Desse modo, ao falarmos a respeito das mudanças que as telenovelas veem sofrendo nos últimos anos – seja no âmbito do consumo, da sua produção, das interações e das sociabilidades engendradas por elas – é importante também ressaltar o papel delas como instâncias norteadoras de identidades em nível individual e coletivo. Por outro lado, devemos pensar essa construção como algo relacional, subjetivo, no limite de fronteira com o outro, envolvendo assim questões de alteridade.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 40)

Com isso, a construção identitária é tanto simbólica quanto social, condicionada a processos de negociação, como também dependente dos processos comunicativos e culturais. Kathryn Woodward (2000, p.8) baliza mais esclarecimentos sobre esse ponto, segundo a autora, “as identidades adquirem

sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Desse modo, é possível, a partir das telenovelas, criar, reforçar, reconfigurar e propagar modelos identitários que servirão de referência para os telespectadores. Estes, por sua vez, não são totalmente passivos ou inertes às influências externas, são ativos no sentido de que decidem se desejam consumir ou não os produtos midiáticos. Entretanto, isso não exime a responsabilidade das telenovelas em refletir temáticas, como é o caso da identidade negra, e propor, de algum modo, contribuições para a construção de uma sociedade mais justa.

Ao falarmos em identidade étnica, estamos nos referindo à possibilidade do indivíduo localizar-se num dado sistema social e ao mesmo tempo ser localizado por ele. Conforme Ronsini (2002, p. 7), a construção da identidade gera “processos simbólicos de pertencimento em relação a referentes variados como cultura, nação, classe, grupo étnico ou gênero”. Assim, a identidade se estabelece quando um grupo permite a inserção de um sujeito nos seus costumes sociais, mas também, cabe a esse indivíduo apresentar alguma familiaridade e/ou afinidade com a realidade oferecida. Desse modo, a construção da identidade étnica tem na autoafirmação sua grande base fundadora.

No entanto, a ideia de pertencimento pode variar, seja devido aos processos sociais, aos contextos históricos ou mesmo por identificação. Com isso, “ao invés da identidade fixa, passamos a possuir uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades, com as quais nos identificamos temporariamente” (HALL, 1999, p.7-13), deixando de ser estáveis, quando definidas mediante circunstâncias cotidianas, e não mais formadas instintivamente por assimilação. Nesse cenário, a telenovela tem papel importante na constituição dessas múltiplas identidades, devido a sua capacidade de estimular o imaginário, de mexer com os anseios, sentimentos e ideias. Resultando, muitas vezes, na identificação dos sujeitos com os personagens, tramas e situações, mesmo eles sendo contraditórios e preconceituosos. Isso porque, como nos explica Arbex (1995, p. 4), “o processo de identificação permite viver certas emoções sem correr riscos, no isolamento de sua casa e cercado de todas as garantias”.

Além disso, como afirmamos anteriormente, os sistemas de representação não apenas engendram identificações, bem como, são eles mesmos formadores de identidades, atuando na atribuição de posições aos sujeitos que são representados por meio de significados produzidos com o intuito de dar sentido às experiências e

às subjetivações dos indivíduos. Essa questão demonstra a sua complexidade e relevância ao passo que, como sugere a autora Kathryn Woodward (2000), aquilo que somos e o que podemos nos tornar é, de certo modo, passível de interferência desses sistemas simbólicos.

Enfim, identificamos que as contradições históricas das telenovelas, no que tange à identidade negra, estão normalmente envoltas em humilhação social e ideologias elitistas. Consideramos mais agravante ainda a constatação da discriminação e do racismo nas várias identidades que nos são fornecidas, gerando estranhamento e recusa em alguns pesquisadores, ativistas, intelectuais e parte da população, mas ainda encarada de forma natural pelo senso comum.

O inconsciente racial coletivo brasileiro, não acusa nenhum incômodo em ver tal representação da maioria do seu próprio povo, e provavelmente de si mesmo, na televisão (ARAÚJO, 2012, p.149).

Com essa possível aceitação e naturalidade dos fatos, contribui-se também para a perpetuação de um alicerce negativo e carregado de insinuações à estética negra, como também, ligados à falta de categorização social e à suposta fraqueza de costumes. Mas, com todos os percalços, ainda sim, acreditamos no surgimento de telenovelas que debatam de forma séria e coerente não só a identidade étnica, mas também questões culturais, educacionais e de desenvolvimento.

3.2 Ficção seriada brasileira desconstruindo narrativas históricas: Uma relação de estereótipos e preconceitos

A inserção de cenas que envolvem questões sociais, tanto é recorrente, como explícita nas telenovelas. A questão é entender de que maneira elas são retratadas. Não adianta, por exemplo, trazer narrativas sobre eventos históricos da população negra de maneira superficial, sem levar em consideração as riquezas culturais, os costumes, a religiosidade e as formas de resistência. Dimensões estas que retratam a história desse povo. As ficções, quando ainda presas aos paradigmas hegemônicos da época colonial, trazem consigo uma visão elitista e folclorista em relação aos negros. Reconhecemos, por outro lado, a adesão dos telespectadores em consumir e compactuar com certos enredos. No entanto, nem sempre a mensagem emitida é decodificada de forma igual pelas pessoas ou com o mesmo intuito pela qual foi enviada, pois o processo é muito mais individual do que

coletivo, permitindo que o sujeito se reconheça e gere sentido para a mensagem recebida.

Os discursos telenovelísticos interpelam os sujeitos a assumir (ou não) certas posições, a ocupar um certo lugar em relação a diferentes temas. Nesse processo de interpelação, o público é convidado a se identificar, a aprovar ou negar representações. (SIMÕES; FRANÇA, 2007, p.62)

No entanto, “o Brasil se comunica, se conhece e se reconhece pela televisão”, segundo Carneiro (2012, p.113). Diante do impacto da telenovela no cotidiano do nosso país, entendemos que compreender as nuances da escravidão do povo negro, dentro da tradição televisiva, é deslocar-se para um contexto histórico, desde o sistema escravista, de construção da sociedade, para uma realidade racista, de representação da negritude repleta de limitações, a partir da desconstrução de narrativas. Neste meio, o imaginário social fixado nas telenovelas ainda é de estereótipos²⁸ negativos, os quais menosprezam as diferenças. “O estereótipo é um elemento chave neste exercício da violência simbólica”, adverte Hall (1997, p. 25).

Nesse contexto, a violência ao grupo étnico vem acompanhada de um tratamento caricatural, de reiteração da subordinação do negro, de uma suposta predisposição inata à servidão e da dependência aos brancos. Assim, discursos e imagens preconcebidos e generalizados, em relação ao outro, tornam-se, na maioria das vezes, facilmente aceitas, naturalizadas e popularizadas pelo telespectador. Sendo uma categorização uniforme e intolerante, funcionando de maneira discrepante das reais características e contextos sociais. Ridicularizar, condenar e legitimar a submissão dos negros nas telenovelas é uma forma de incitar o preconceito.

Ou seja, retratar os negros de forma impiedosa, envolvendo opressão, negação e exclusão, faz parte do problema de repertório temático das ficções, segundo Carneiro (2012). Por mais despretensiosa que seja uma narrativa, ainda sim, existirá nela um enquadramento específico de quem escreve e produz. Enfatizamos, com isso, que a representação negra nos produtos midiáticos, por vezes, segue padrões de um imperialismo cultural, por isso a complexidade de se analisar os processos de escravidão na telenovela. Porém, o desafio é propor uma

²⁸ Segundo, Rodrigues (1979), estereótipo foi um termo introduzido por Walter Uppman, que consiste em uma categorização uniforme de determinados grupos, discrepante das características reais.

descolonização, a valorização da diversidade e o respeito à pluralidade cultural. Pois, registrar no imaginário dos sujeitos uma visão arcaica e empobrecida da experiência humana dos negros é uma forma de *semiocídio*, defendido por Hall, que descreve:

É um sorvedouro letal que anula, exclui, destrói bens simbólicos vitais no horizonte existencial do negro. Tal semiocídio é praticado por profissionais de TV que compartilham de um mesmo imaginário cultural que tem na branquitude seu parâmetro de excelência humana e na exclusão racial a garantia de sua inserção privilegiada no mercado televisivo pela vantagem simbólica da cor da pele. (HALL *apud* CARNEIRO, 2012, p. 119)

É nessa contradição que nos questionamos se existirá possibilidade ou não das telenovelas brasileiras mudarem o seu percurso preconceituoso que as acompanha desde a década de 50. Preconceito este representado muitas vezes de forma indireta ou nas entrelinhas, fortalecendo o mito da democracia racial. Acreditamos que criar estratégias afirmativas de promoção dos valores culturais seria uma oportunidade de diálogo com a sociedade e de respeito uns aos outros, encarando o fato de que somos um país que tem uma população de cerca de 50 por cento de afrodescendentes (ARAÚJO, 2012). Faz-se necessário dar maior visibilidade e reconhecimento à importância que a população negra tem na história brasileira.

Reconhecemos que desfazer os estereótipos, formados ao longo de vários anos, seria um desafio para as produções telenovelistas que reforçam a imagem distorcida e animalizada dos negros no Brasil. No entanto, já que as novelas são consideradas espaços de grande aceitação popular, deveriam expor o potencial do seu povo e não aspectos poucos positivos aos afrodescendentes, ou a falsa ideia de um país singular, eternizando-se, cada vez mais, uma memória (coletiva) cheia de dados incorretos. A partir disso, observando a narrativa de *Sinhá Moça*, percebemos a desconstrução da história de luta e resistência, na qual, os negros são apresentados como o exemplo atrasado e submisso do Brasil.

A ausência de legitimidade negra nessa novela fez com que alguns artistas, ativistas, intelectuais negros e população se manifestassem contra a ficção. Sendo lançada na Folha de São Paulo, no dia 08 de junho de 2008, uma nota sobre essa negligência, e posteriormente transcrita por Carvalho (2012) no artigo *Contra invisibilidade política e luta do negro por representação*.

Parte da população de Salvador, sentindo-se mal representada, acionou o Ministério Público da Bahia que impetrou ação civil pública contra a Rede Globo pleiteando que a emissora fosse condenada a realizar uma nova versão da novela *Sinhá Moça*: dessa vez mostrando a participação do negro no regime escravocrata tal como realmente ocorreu com orientação de historiadores. (CARVALHO, 2012, p. 135)

Nessa perspectiva, encontramos uma forma de afirmação e preservação da identidade negra. Defender a autoestima da população afrobrasileira é estabelecer disputas simbólicas no interior da sociedade, já que desde a década de 70, através de lideranças religiosas e culturais negras e por cientistas sociais que não concordam em ver o negro como um ser destroçado pelas contradições sociais e pela discriminação, passaram a organizar lutas pela manutenção da cultura étnica e pelo reconhecimento dos seus sujeitos (FEITOSA, 2011). A partir daí, debater a desconstrução de narrativas históricas pelas telenovelas, como também sua atuação na propagação da identidade negra distorcida, são pautas de reivindicações do Movimento Negro, porém, retomaremos a essa questão no tópico seguinte.

3.3 O racismo na telenovela: por onde caminha a discussão?

Desvalorizar a riqueza humana, não considerar os indivíduos como seres singulares, diversos e plenos, é uma forma de representação que a telenovela ainda persiste em apresentar. Ancorada no racismo, as ficções televisivas, nas poucas oportunidades em que abordaram essa questão, a tratou como segundo plano, de forma superficial e provisória no interior da trama, basta lembrar-se da telenovela *Dois Caras* que trouxe uma cena explícita de racismo, mas que se resumiu a um simples bate boca²⁹.

Desumanizar os africanos e seus descendentes é rejeitar a cultura negra e todas as suas peculiaridades. E sobre o Brasil, corroboramos que este é “um país que, embora possua o maior contingente populacional negro fora da África, insiste em manter seu culto ao padrão estético europeu” (OFM, 2012, p.159). Não adianta oferecer um racismo camuflado ou até mesmo dissimulado nas telenovelas, o segregacionismo contra os negros existe no Brasil desde o período da escravidão e não terminou com o fim desta.

²⁹Cena disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=QQU6jxsdlrk>>Acesso em abril de 2013.

Acreditamos que para construir uma sociedade efetivamente democrática, que inclui, aceita e dignifica o seu povo, precisamos superar essa estrutura de injustiças social, ainda alimentada pela teledramaturgia. Diminuir os conteúdos estereotipados negativamente é, acima de tudo, respeitar a verdade histórica da nossa nação. O racismo que nos é exposto nas atitudes cotidianas, nos gestos e na mídia, só ratifica que estamos longe de ser um país livre do preconceito, muito menos, exemplo de pátria integradora e justa, a democracia racial não existe. As novelas em busca da audiência colaboram no massacre que sofremos até hoje.

É óbvio que um canal de televisão, mesmo estatal, precisa de audiência. Mas é igualmente óbvio que a obsessão com o ibope, em insana subserviência aos ditames do Mercado, não pode nem deve contaminar e adoecer seu organismo. A boa televisão, para nós, ao contrário do que hoje ocorre, deve privilegiar a multiculturalidade e a diversidade brasileira, beneficiando-se de seus inúmeros aspectos positivos. (LOPES, 2012, p.156)

Somada a isso, a negritude é propagada como divertimento, estereotipando os negros como seres aberrantes, que cometem desvios na sociedade. Essa forma de violência simbólica é fruto dos padrões de dominação branca. Respeitar e contribuir com a autoestima do brasileiro, não é uma conquista que se alcança com omissão, mas com práticas efetivas de humanização.

É preciso reafirmar que a omissão é a principal forma de atuação racista em nossa sociedade, e que o apoio ao Estatuto da Igualdade Racial é fundamental para barrar a continuação 'natural' das desigualdades (SANTIAGO, 2012, p.191).

Nos últimos anos, nos deparamos com políticas de ação afirmativa, na luta contra o racismo e outras formas de desigualdade, com intuito de resolver questões de natureza imediata. O debate em torno dessas ações ainda é muito complexo e polêmico, com isso, nos limitaremos a apresentá-las como mecanismos que buscam garantir ascensão e respeito às questões étnico-raciais e sexuais.

Se as telenovelas banalizam o essencial, cometem erros e impropriedades, como muitos militantes defendem, é necessário que o povo brasileiro se veja dignamente apresentado e representado nas ficções. Por essas razões, a cantora, atriz e ativista social Zéze Motta, fundou o Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN)³⁰, com objetivo de promover a inserção desses artistas no mercado, funcionando como um cadastro nacional.

³⁰ Disponível no site: www.cidan.org.br

Com essas contribuições, muitos negros, apesar de imersos em condições socioeconômicas e políticas adversas, conseguem preservar, reelaborar, sustentar sua cultura e entender a herança africana. Isto provê a possibilidade, em nível grupal e individual, de restabelecimento das identidades no Brasil, guiada por um processo de afirmação e resistência. O qual ainda esbarra no racismo, que insiste em se constituir como uma dominação branco-opressora, e na inferioridade negra.

O racismo é uma forma de ideologia que se desenvolveu no mundo moderno e ajudou na justificação da escravidão no Novo Mundo e as pretensões imperialistas da Europa ocidental em todos os continentes. Para Marx, são as relações de produção escravistas que colocam um ser humano em uma posição social de subjugação, de trabalho forçado, de exploração econômica, de opressão e violência material e simbólica. As representações desenvolvidas nas formas de consciência social com base na matéria prima dessa situação de opressão levaram ao desenvolvimento de uma ideologia racista que chegou até os nossos dias (PRAXEDES *apud* ROCHA 2006, p.7).

Precisamos desnudar as relações de preconceito racial no nosso país, afinal, é perceptível como os negros são condenados ao imaginário social das ficções seriadas televisivas. Há um Brasil real, que quer ser visto, com toda a sua diversidade e patrimônio cultural. E não com a ideia de descuido, falta de responsabilidade, de submissão, ou mesmo de marginalidade, o que é negativo para a definição do seu caráter. Por isso que a televisão pode se converter em um meio socialmente perigoso e racista, a partir de fatos reais submergidos. Reivindicar a importância da cultura negra, desde a religião até monumentos históricos, como também, a inserção do estudo da História da África nas escolas e uma educação antirracista, que não leve o negro a recusar sua identidade pelo branqueamento cultural, são propostas do Movimento Negro.

Esse Movimento pode ser compreendido como um conjunto de esforços políticos de organização social e cultural dos negros ou dos afrobrasileiros, que abrange as associações civis como a Frente Negra Brasileira (1931/37) ou o Movimento Negro Unificado (1978) ou ainda as Instituições Religiosas (Comunidades: terreiro de Umbanda e de Candomblé; Federação Espírita-Umbandista do Estado de Minas Gerais (1955) e as instituições culturais: escolas de samba, blocos afro, afoxés, maracatus), de acordo com Francisco (1998). Ao mesmo tempo em que reafirmam e atualizam a identidade negra, propõem avanços no rumo da superação do racismo e da injustiça social. Ao passo que, as vias de

comunicação, principalmente a mídia, vêm trazendo um perfil negro discriminatório e sem complexidade de setores sociais.

Pode se dizer, sem medo de errar, que a mídia brasileira- salvo raras exceções - é peça fundamental na reprodução da estrutura racista que compõe a sociedade brasileira. Sim, porque ao privilegiar o silêncio em relação à condição de subalternidade socioeconômica em que se encontram os negros, ao mesmo tempo em que se investe violentamente no ingênuo discurso de que somos uma 'democracia racial', a TV brasileira endossa os padrões de dominação branca. (OFM, 2012, p.160-161)

Ao falarmos da mídia, há sempre o risco derivado do alto grau de generalizações, no entanto, problematizar e debater essas questões, além de ser fundamental, é uma forma de superação da desigualdade tão arraigada em nosso país. Garantir a pluralidade e a diversidade como resposta ao racismo brasileiro auxilia na busca de tempos mais justos. Esperamos assim ter contribuído na oportunidade de discussão sobre o racismo e na compreensão da realidade que o tema suscita.

CAPÍTULO 03- O ESCRAVO PASSIVO DE SINHÁ MOÇA

4.1 Uma breve contextualização do universo narrativo de *Sinhá Moça*

Escrita por Benedito Ruy Barbosa, jornalista e publicitário, e produzida pela Rede Globo de Televisão, a novela *Sinhá Moça* é baseada no romance da escritora Maria Dezone Pacheco Fernandes, com adaptação de Edmara Barbosa e Edilene Barbosa. Sendo sua primeira exibição pela TV Globo em 8 de abril 1986 e reescrita em 2006 com 185 capítulos no horário das 18 horas. No quadro “Vale a Pena Ver de Novo”, da mesma emissora, houve uma reprise em 20 de fevereiro de 2010.³¹ Em nosso estudo optamos por analisar a versão de 2006.

O universo narrativo de *Sinhá Moça* se desenrola principalmente em 1886, dois anos antes da promulgação da Lei Áurea, e é ambientado na pequena e pacata cidade do interior paulista, Araruna. Cidade esta, praticamente comandada pelo Coronel Ferreira- Barão de Araruna (Osmar Prado), o maior dono de terras da região e escravocrata convicto, conhecido por maltratar os escravos e por ser contra os abolicionistas.

O que o Barão não esperava era que sua filha – ‘Sinhá Moça’ (Débora Falabella) rejeitasse totalmente o trabalho escravo dos negros, declarando-se contra as atitudes e convicções políticas de seu pai. A mesma vive um romance com o Dr. Rodolfo Fontes (Dalton Mello), um republicano que adota a identidade do mascarado Irmão do Quilombo. Tanto ‘Sinhá Moça’ quanto ‘Rodolfo’ lutam até o último capítulo da ficção para libertar os escravos de seus senhores e contra o sistema que os mantinham cativos. Se por um lado, havia o Irmão do Quilombo, por outro, ‘Sinhá Moça’ adota o arquétipo da princesa Isabel.

A estratégia era invadir de madrugada as senzalas para ajudar os escravos nas fugas. E juntamente com os amigos José Coutinho (Eduardo Pires), Mário (Caio Blat), Pedro (Joaquim de Castro), Vila (Bruno Uovic) e Renato (Bruno Costa), Rodolfo integra uma associação clandestina que compra escravos para alforriá-los.³² Mostrando, no decorrer da narrativa, negros apáticos e passivos que precisavam de

³¹ Maiores informações olhar FEITOSA (2011).

³² Trama de *Sinhá Moça* disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinha-moca-2-versao/trama-principal.htm>> Acesso em: 12 de abril de 2014.

heróis brancos para libertá-los. Assim, em alguns momentos, a trama deturpa a história da escravidão no Brasil.

Nesse contexto, um importante personagem da trama é Rafael (Eriberto Leão), único escravo branco, companheiro de infância de 'Sinhá Moça', que tem como objetivo destruir o barão de Araruna que acabou com sua vida e a de sua mãe. O mesmo é filho do próprio coronel Ferreira com a escrava Maria das Dores (Cris Vianna), no entanto, só descobre o parentesco no decorrer da narrativa. Após sua alforria, enquanto vários outros escravos negros continuavam nas senzalas, passa a adotar o nome de Dimas e ao lado do jornalista Augusto (Carlos Vereza), afronta os ambiciosos fazendeiros e o sistema de escravidão.

Outra personagem fundamental na história, por quem Sinhá Moça tem grande carinho, é Bá (Zezé Motta), uma escrava que foi trabalhar na Casa Grande e a amamentou. Há muitos anos ela teve um filho, fruto de seu único relacionamento com Pai José (Milton Gonçalves), representado por um negro simpático que lutou pela liberdade dos escravos, mas morreu no tronco, depois de muito apanhar. Sendo este filho tirado à força dos seus braços pelo Barão, para ser vendido num lote de escravos. Mas, ao cuidar de Sinhá Moça apegou-se à menina como se fosse sua filha, amenizando toda e qualquer dor. Ao lado de Bá tinha a escrava Adelaide (Lucy Ramos) que também vive na casa grande e trabalha como dama de companhia de Sinhá Moça.

Ao fim da narrativa, percebemos que todos os escravos foram libertos, devido principalmente à intensa ajuda do casal branco, de Dimas e de alguns abolicionistas, mostrando que a assinatura da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 foi, em parte, consequência desses esforços. Colocando em segundo plano a importância das fugas e revoltas dos cativos dentro do processo. A partir daí, é mostrado, ao final do último capítulo, os negros andando pelas ruas sem rumo, desvalorizados e sem perspectivas. Por outro lado, com todo empenho e carisma, o desfecho de Dr. Rodolfo Fontes é se dedicar à carreira política, já Sinhá Moça administrar a fazenda da família, contando com uma nova mão de obra: os imigrantes italianos.

Para compor esse universo ficcional, a novela contou com uma equipe de produção, encarregada de realizar uma pesquisa de época, como também, a locação de fazendas, de máquinas e a construção de uma cidade cenográfica (FEITOSA, 2011). Isso com o objetivo de aproximar a realidade colonial- vivida pelos

escravos, abolicionistas e republicanos – da ficção. Vale ressaltar, que a história contou com a participação de vários atores negros: Fabrício Boliveira, Alexandre Morenno, Sérgio Menezes, Alexandre Rodrigues, dentre outros. Porém, a retórica apresentada nessa telenovela contribuiu para a formação de uma identidade negra a partir de estereótipos e preconceitos, como também, negligenciando a história de resistência da etnia. Ou seja, os negros foram mostrados como sujeitos passivos e submissos ao sistema.

4.2 Os negros presos às senzalas: Telenovela das 18h no arquétipo histórico escravocrata

Os pressupostos teóricos apontados pela professora Solange Martins Couceiro de Lima (1983), em relação ao aproveitamento do ator negro nas obras ficcionais brasileiras, nos mostra que o arquétipo históricoescravocrata estabelece uma demanda natural por atores afrodescendentes para retratar o período da escravidão ao longo das telenovelas. Em *Sinhá Moça*, o Brasil escravagista foi apresentado como pano de fundo, com ênfase em vários negros presos a senzalas, desenhados em sua suposta passividade, inocência ou inconsciência.

Esse formato de telenovela, que utiliza temáticas de época, prende-se, na maioria das vezes, a enredos históricos ou românticos que melhor se enquadram aos horários das 18h ou 19h, segundo Fernanda (2007). As possibilidades de recuperação do passado, das tradições e dos valores, permitem as ficções resgatar um senso de “brasilidade” (ORTIZ et al, 1989, p.97). No entanto, narrar a escravidão a partir das perspectivas de ‘heróis brancos’, sem valorizar a postura dos ‘heróis negros’ e sua importância para história brasileira, minimiza a participação dos atores, sendo estes personagens sem complexidade.

Nossa crítica não é voltada à inserção do ator negro em papéis de cativo no interior das tramas histórico-escravocratas. Mas, se refere às configurações dos personagens, às suas nuances, envolvendo primordialmente a representação dos sujeitos brancos na busca pela liberdade dos negros. Como no exemplo da narrativa de *Sinhá Moça*, que não dispensa o jovem casal destinado a ajudar “os fracos e oprimidos” do sistema da escravidão, o qual confirma a versão hegemônica que indica superioridade destes como líderes na luta pela alforria dos escravos. Para

mostrar a relevância do movimento negro no processo da alforria, é preciso abandonar as estruturas esquemáticas que padronizam a complexidade dos fatos.

Trazer o negro a partir desse arquétipo com sentidos preconceituosos, em que eles não têm família, ideias e nem sentimentos, renegados à própria sorte e lançados a condições desumanas nas senzalas, sem contrapor aos movimentos de revolta, fugas, suicídios e ao surgimento de quilombos, ratifica as estratégias (semiológicas) da cultura dominante, segundo SODRÉ (1980). Desta forma, a diversidade e história cultural, intrínseca ao Brasil, são negligenciadas nas telenovelas, estas baseadas na contradição social e racial de um país.

O discurso dos personagens de *Sinhá Moça*, contra a escravidão, reflete o tom humanitário que se assemelha aos antiescravistas brancos, vistos como seres generosos, e não aos negros conscientes de sua luta. Mesmo com a demanda de vários atores afrodescendentes, a ficção não apresentou novidade significativa no que se refere ao tratamento destes ou mesmo no que diz respeito à configuração do protagonismo negro. Vale salientar que a participação desses atores nas ficções seriadas brasileiras acontece de maneira injusta. De acordo com Tavares (2003, p. 4), isso se dá a partir de 3 estereótipos: o primeiro ligado ao negro passivo, o segundo relacionado com revolta e marginalidade social, e o terceiro e mais presente atualmente, é o que retrata o negro como um ser solitário.

Se o personagem criado pelo autor não receber, na sinopse, referências sobre o seu pertencimento racial, o ator branco tende a ser escolhido. O afro-descendente só terá a sua oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, recorrendo aos arquétipos da subalternidade na sociedade brasileira, aumenta a possibilidade de construção para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade [...]. (ARAÚJO, 2004, p.308)

Dentro desse contexto, analisar o papel do ator negro em mais de 60 anos da TV brasileira é trazer à tona a falsa ideia do mito da democracia racial, ainda em evidência no Brasil. Para tanto, precisamos retirar o véu que esconde uma consciência difusa e contraditória, que associa os negros a seres inferiores, como também, problematizar os motivos que os levam a assumirem papéis subalternos e submissos nas telenovelas. Em *Sinhá Moça*, o modelo histórico-escravocrata traz a submissão dos negros como questão central na trama, mesmo que não tenha sido o

objetivo a priori, condenando a escravidão no imaginário social ao retratar os cativos como sujeitos presos às senzalas, sem perspectivas, que aceitavam aquelas condições.

Como já foi dito, os escravos realmente eram muitas vezes separados de suas famílias, subjugados a condições desumanas, tratados como se não fossem ninguém, explorados sem nenhuma compaixão de seus senhores e lançados à própria sorte nas senzalas; contudo, eles não se acomodavam com aquela condição, tanto que, muitos preferiam a morte (por suicídio) que permanecer naquela sobrelvida. Outros, fugiam e formavam locais de refúgio, mesmo sabendo que corriam o risco de serem capturados e torturados, quem sabe até assassinados. Não importava, para muitos desses, melhor seria morrer lutando para ter uma vida livre do que sobreviver de um modo que os matava cruel e lentamente. A ausência de uma caracterização mais profunda do inconformismo, do desespero, da luta e da revolta do negro cativo do sistema escravocrata brasileiro foi, ao nosso ver, um dos grandes equívocos da novela em questão

Apresentar uma suposta passividade do negro com naturalidade – sendo a telenovela aceita por alguns espectadores como manifestação legítima do real, fruto de uma narrativa semelhante a do nosso cotidiano, estabelecendo constantemente diálogo entre ficção e realidade – acaba gerando dificuldades em efetivar estratégias de diminuição da discriminação, da exclusão social e dos conflitos psicológicos. Com isso, devido à grande audiência e apelo popular das ficções, enraizadas em uma visão elitista, elas podem atuar na construção de uma rede de significados preconceituosos para o negro, prejudicando a afirmação de sua identidade.

4.3 Perfil dos personagens³³

Entender as características de cada personagem, como eles se comportam e o que defendem dentro da trama, torna-se fundamental na compreensão das nuances da escravidão na telenovela *Sinhá Moça*. Abaixo, exibiremos alguns

³³ O perfil de cada personagem da telenovela estar disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/sinha-moca-2-versao/galeria-de-personagens.htm>> Acesso em: abril de 2014.

personagens da ficção seriada, que em um trabalho anterior³⁴ já havíamos começado a desenvolver.

- *Sinhá Moça*: É interpretada pela atriz Débora Falabella, que assume o papel de uma jovem doce e gentil. Mas, de frágil nada tem, considerada abolicionista luta firmemente pela liberdade dos escravos como se realmente fosse um deles. O seu amor pelos negros pode ser explicado na trama, mesmo que indiretamente, pelo fato de ter sido amamentada por Virginia, a Bá, uma escrava. Por engano do destino, a Sinhá é filha do Barão de Araruna, o grande escravocrata da região. Ao se apaixonar por Rodolfo, um republicano, constroem juntos uma história de amor e luta.
- *Dr. Rodolfo Fontes*: Interpretado pelo ator Danton Mello, é o grande galã da trama. Jovem advogado, aventureiro e abolicionista, procura combater os abusos aos escravos, como também, luta pela liberdade destes. Porém, seu coração é arrebatado pela meiga Sinhá Moça e isso exigia, pelo menos no início da novela, conquistar a confiança do seu sogro (Barão de Araruna) e ao mesmo tempo defender os negros, caminhando com dupla personalidade. Até que seu segredo é descoberto, o que coloca em risco seu grande amor.
- *Coronel Ferreira, o Barão de Araruna*: Interpretado pelo ator Osmar Prado. É adepto ao regime escravista, ou seja, totalmente contra a ideia da abolição. Sério e inflexível, diz amar sua filha (Sinhá Moça) e sua esposa (Cândida), mas não quer saber em direitos iguais junto aos negros, assim aprendeu com o seu pai. Durante a trama ele tenta apagar da mente o envolvimento na juventude com uma escrava. Desse caso nasceu Rafael, o filho bastardo.
- *Baronesa Cândida*: É Interpretada pela atriz Patrícia Pilar, uma elegante e fina mulher. Submissa às ordens do marido, procura não aborrecê-lo e nem afrontá-lo, o que a leva a passar grande parte da trama aconselhando sua filha, Sinhá Moça, a abandonar essas ideias abolicionistas e a não se

³⁴ O trabalho em questão foi a nossa Monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social, habilitação Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Com o título *Para além da escravidão: a identidade negra e a noção de preconceito apresentada na novela Sinhá Moça da rede Globo de Televisão* (FEITOSA, 2011).

envolver com Rodolfo, mesmo acreditando nos seus ideais e no seu amor pelo advogado. Apenas no fim da novela ela percebe a força que tem e a fará valer.

- *Virgínia, a Bá*: Interpretada pela atriz Zezé Motta, considera Sinhá Moça como uma filha. Mesmo tendo o seu filho arrancado e vendido pelo patrão, o coronel Ferreira, ela resolve esquecer a crueldade cometida por ele, já que amo muito a sua filha. Porém, nunca perdeu a esperança de reencontrar o menino, fruto do relacionamento com Pai José (Milton Gonçalves), um homem que lutava pela libertação dos escravos.
- *Adelaide*: Interpretada pela atriz Lucy Lima, é uma bela jovem que vivia deprimida e revoltada na senzala. Sendo cobiçada por muitos brancos, sofria diversos assédios. Até o dia que se tornou dama de companhia de Sinhá Moça. Juntas tornaram-se grandes amigas e cúmplices, ao ponto de Adelaide afirmar que seria capaz de morrer pela sinhazinha. Durante a trama, apaixona-se por José Coutinho (Eduardo Pires), um republicano.
- *Doutor Fontes*: Interpretado pelo ator Reginaldo Faria, é o pai de Rodolfo. Considerado um advogado bem sucedido, inteligente e rico que trabalhava para o Barão de Araruna, uma vez que antes disso já prestava serviços ao seu pai como defensor de muitas causas. O advogado tinha ideais abolicionistas como o filho, mas preferia acobertar essas causas por baixo dos panos, pois não era a sua intenção enfrentar o Barão.
- *Maria das Dores*: Interpretada por Cris Vianna, é uma bela mulher, filha de um branco com uma negra. Sua participação na trama foi mais no início, deitando-se na juventude com o Barão, antes dele casar com Cândida. Dessa união nasceu Rafael.
- *Rafael – o escravo alforriado*: Interpretado pelo ator Eriberto Leão, é filho da escrava Maria das Dores com o Coronel Ferreira, com o qual ele luta e tenta destruí-lo. Antes de ser vendido pelo seu pai, conviveu com Sinhá Moça na

infância, criando um laço de amizade. Depois de livre, Rafael adota o nome de Dimas e torna-se o braço direito do jornalista Augusto.

- *Bastião*: Interpretado pelo ator Fabrício Boliveira, é um escravo esperto que tem a mesma idade de Sinhá Moça. Comprado pelo Coronel Ferreira, chegou à fazenda Araruna para servir dentro da casa. Além disso, é cúmplice de Sinhá Moça, muitas vezes fazendo o elo entre ela e a senzala.
- *Pai José*: Interpretado por Milton Gonçalves, é um homem forte, apesar de ter mais de 80 anos. Mesmo velho, sonha e luta com a liberdade dos negros, mas morre no tronco, logo no primeiro capítulo da trama. É avô de Rafael e pai de Maria das Dores. Justino e Fulgêncio são os dois últimos de sua linhagem.
- *Fulgêncio*: Interpretado pelo ator Sérgio Menezes, é filho de Pai José. No início da novela ele tentafugir da senzala, porém é pego e sofre duras consequências, chegando a ficar cego devido a uma chicotada do Barão de Araruna. Preocupada com sua condição, Sinhá Moça cuida do escravo e abrandando nele a revolta que nasce após esse episódio.
- *Justino*: Interpretado por Alexandre Morenno, é um jovem ágil e exímio capoeirista que odeia os brancos e todos que apóiam o sistema escravista. Irmão de Fulgêncio, ele é comprado pelo Barão de Araruna. Na fazenda apaixonou-se por Adelaide e organiza a primeira fuga, na qual os escravos são recapturados, sofrendo severas punições. Entre eles estava seu irmão Fulgêncio.
- *Delegado Antero*: Interpretado por Jackson Antunes, é um escravagista que está sempre a serviço dos senhores da região e, em particular, do Barão. Conhecido por ser extremamente ríspido com os fracos e, por outro lado, servil diante dos poderosos, defende seu cargo e interesses a todo custo.
- *O feitor Bruno*: Interpretado por Humberto Martins, é um homem agressivo, que busca com crueldade a disciplina dos escravos. Não tem família, mulher,

nem filhos. Sonha em manter, a qualquer custo, sua posição de feitor da fazenda Araruna. Além disso, cumpre todas as ordens do Barão.

- *Capitão-do-mato*: Interpretado pelo ator Maurício Gonçalves, é um homem sem coração, rude, cuja vida foi dedicada à perseguição de escravos. Orgulha-se de ser o melhor entre todos, porque jamais deixou um negro escapá-lo. Acredita que seu trabalho e destino é machucar e capturar os cativos, sem nenhum remorso.
- *Jornalista Augusto*: Interpretado pelo ator Luiz Carlos Arutin. É um abolicionista convicto, íntegro, proprietário de uma tipografia e responsável pela produção do jornal da cidade de Araruna. Nesse jornal, ele denunciava a escravidão e incentivava a liberdade dos negros. Divide o seu tempo entre a abolição e os cuidados com sua neta Juliana, de quem cuida desde criança.
- *Frei José*: Interpretado pelo ator Elias Gleiser, é um senhor muito popular e querido em Araruna. Vive bem com todos os fazendeiros, sejam eles abolicionistas ou não, porque o seu maior interesse é conseguir dinheiro para sua igreja. Com isso, procura não tomar partido, ora prega a liberdade dos escravos, ora defende os negócios dos senhores.
- *Coutinho*: Interpretado por Othon Bastos, é o primeiro fazendeiro a alforriar seus escravos quando percebe a aproximação da abolição. Sua atitude não foi por bondade, mas para estabelecer outra forma de domínio. Ao pagar aos negros uma miséria pelo seu trabalho, estava gerando dependência, onde eles não poderiam ir embora dali, pois lhe deviam. Além disso, Coutinho é um dos grandes inimigos de Rodolfo, pois o seu maior sonho é casar o seu filho, José Coutinho, com Sinhá Moça, para que ele herde a fortuna do Barão.
- *José Coutinho*: Interpretado por Eduardo Pires, é um jovem apaixonado pela escrava Adelaide. Durante grande parte da trama vive um romance proibido, no qual, passa a se encontrar às escondidas com a amada, mas o pai descobre e enfurecido o rejeita e expulsa de casa, não admitindo a união de brancos com negros. Com ajuda do amigo Rodolfo (Danton Mello), com quem estudou na capital, e de Frei José, consegue realizar seu casamento.

- *Bentinho*: Interpretado por Alexandre Rodrigues, não se conforma em ter nascido um dia antes da promulgação da Lei do Ventre Livre. Considerado um jovem esperto e inteligente, tem a história transformada quando é “comprado” por Rodolfo (Danton Mello), tornando-se seu fiel escudeiro.
- *Mário*: Interpretado pelo ator Caio Blat, é um jovem com ideais republicanos, que vai lutar verdadeiramente contra a escravidão. Estudante de direito na capital, passa sempre as férias em Araruna, lá se une com mais três amigos: Pedro (Joaquim de Castro), Vila (Bruno Udovic) e Renato (Bruno Costa), e criam a Associação dos Abolicionistas de Araruna.

4.4 Apresentação de trechos da telenovela

Com o aporte teórico desenvolvido até o momento, apresentaremos trechos da telenovela *Sinhá Moça* que ilustram a temática geral da escravidão. Envolvendo três categorias predeterminadas: o escravo passivo e submisso, o herói branco e o preconceito. Nesta ficção, os cativos são apresentados presos às senzalas à espera dos seus salvadores. Em especial, do casal protagonista, do escravo alforriado Dimas e dos abolicionistas. A análise envolverá argumentos já fundamentados nos capítulos anteriores, com auxílio do suporte metodológico de conteúdo informacional do tipo contextual.

Categoria 01: O escravo passivo e submisso

SM capítulo 1 (13/03/2006): Segunda-Feira

- ✓ Barão de Araruna pergunta ao Feitorse Pai José reagiu ao ser levado ao tronco. Imediatamente o Feitor garante: *“Ele reagiu comum, dessa vez, foi como se fosse arrastando um boi cansado”*.
- ✓ Já no tronco, após chicotear Pai José, o Feitor zomba da sua condição: *“Se teus fi fossem guerreiro, véio, tu não tava ai nesse tronco”*.

SM capítulo 2 (14/03/2006): Terça-Feira

✓ Bá em conversa com Sinhá Moça sobre a possibilidade dos cativos fugirem, diz: “[...] Os escravos fogem pra morrer nas mão dos capitão do mato, ou se acabar no tronco em carne viva de tanto apanhar”.

SM capítulo 7 (20/03/2006): Segunda- Feira

✓ Fulgêncio, na senzala com os outros escravos, garante: “*Eu não vou fugir mais não! Quero ficar aqui, pertinho da santa e vou servir a Santa Sinhá pro resto da vida!*”.

SM capítulo 10 (23/03/2006): Quinta- Feira

✓ Padre José ao contar para Dimas que dois escravos foram encontrados pelo capitão-do-mato, afirma: “*Eles sempre são apanhados!*”.

SM capítulo 22 (06/04/2006): Quinta-Feira

✓ Ao ficar sozinho na senzala, o escravo Fulgêncio pensa alto: “Nós vamos ficar esperando por você irmão do quilombo, vamos ficar esperando por você!”.

SM capítulo 30 (15/04/2006): Sábado

✓ Justino, impaciente na senzala, à espera do irmão do quilombo para abrir as portas, é recriminado pelo irmão: “*Sossega, Justino! Ainda não é hoje*”. Que rebate: “*Nosso dia tá demorando para chegar, irmão. Demorando demais!*”. Mais uma vez o Fulgêncio tenta acalma: “*Sossega, tudo tem sua hora! Essa tua aflição vai acabar chamando atenção do feitor, irmão. Sossega! [...] Quando as portas da senzala se abrir, nós vamos cuidar de ir embora. E ôce vai deixar sua Adelaide pra trás, causa que agora ela é mucama da siazinha, e vai esquecer de se vingar do Barão, ele é o pai de sinhá!*”.

SM capítulo 31 (17/04/2006): Segunda-Feira

✓ Fulgêncio, tarde da noite na senzala, explica mais uma vez ao seu irmão Justino sobre a demora do irmão do quilombo em salvá-los: “*Se aquete, irmão! Se aquete! [...] Nossa hora ainda não chegou, Justino. Se aquete!*”.

✓ Bá ao conversar com a Baronesa sobre as fugas dos escravos, liderada pelo irmão do quilombo, na fazenda Sete Quedas, e não na qual é cativa, a fez afirmar:

“Mas, eu não tô reclamando não, sinhá. Que minha vida aqui é boa inté demais. E mesmo que esse tal de irmão do quilombo viesse aqui abrir a senzala do Barão eu não redava pé dessa casa de jeito nenhum”.

SM capítulo 43 (01/05/2006): Segunda-Feira

✓ Baronesa pede desculpas a Bastião pelo castigo que o Barão lhe deu ao descobrir que ele tinha cumprido uma ordem da sua esposa. Mas, prontamente, Bastião afirma: *“Não faz mar, senhora Baronesa. O que importa é que a roupa da Sinhá Moça está lá com ela”.*

SM capítulo 185 (14/10/2006): Sábado

✓ Sinhá Moça e Rodolfo comunicam à Bá que a Lei Áurea foi sancionada e não existem mais escravos no Brasil, que ela está livre. Com cara de assustada, Bá pergunta: *“Então, vós ôce vai querer que eu vá simbora?”.* Sinhá moça responde: *“Se você quiser ir Bá, eu não vou poder lhe impedir. Mas, eu vou ficar muito triste se você for”.* Com ar de alegria e aliviada, Bá continua: *“Minha flor de formosura, eu não quero ir simbora não. Eu vou ficar aqui cuidando desse menino! Eu já tô cativa dele, que nem eu sou de vós ôce”.*

Categoria 02: O herói branco

SM capítulo 7 (20/03/2006): Segunda-Feira

✓ Fulgêncio assegura: *“Se a santa [Sinhá Moça] viesse aqui e botasse as mão no meu zóio eu voltava a enxergar, eu sei que voltava!”.*

SM capítulo 22 (06/04/2006): Quinta-Feira

✓ Dr. Rodolfo ao combinar com o escravo Bentinho as estratégias para apanhar as chaves das senzalas, que estavam sob domínio do feitor, sendo necessário capturá-lo para livrar os escravos, fez Bentinho afirmar: *“Quer saber de uma coisa, estou começando a achar que essa história não vai dá certo. Libertar escravo é uma coisa, apanhar aquele diabo é outra. Aí eu começo até ficar com medo!”.* Rodolfo, para amenizar a preocupação, esclarece: *“Não precisa ter medo não, moleque! Eu vou cuidar dele pessoalmente, eu não, o irmão do quilombo”.*

✓ Jornalista Augusto em diálogo com Dimas sobre o risco que o irmão do quilombo poderiasofrer ao tentar ajudar os escravos. A conversa foi interrompida com o seguinte argumento de Dimas: *“Se o irmão do quilombo conseguir abrir a porta da senzala, aí sim, os escravos estarão livres”*.

✓ Sinhá Moça, após saber que o irmão do quilombo conseguiu ajudar na fuga de todos os escravos da fazenda Sete Quedas, procura o cativo Fulgêncio para conversar, acompanhada de Bastião. Lá, o escravo pede: *“Deus abençoe esse irmão do quilombo! Deus abençoe ele!”*. E Sinhá Moça afirma: *“Espero que Deus proteja esses pobres coitados”*. Ao finalizar a conversa, Fulgêncio completa: *“Reze por eles, sianinha! Vós ôce é santa, o pai vai lhe ouvir!”*

SM capítulo 31 (17/04/2006): Segunda-Feira

✓ Na cozinha da casa grande, a Baronesa lembra à Bá que é a segunda fuga de escravos liderada por alguém que ninguém sabe quem é. Ao tentar ajudar, a escrava explica: *“Na certa é alguma alma branca bondosa que se apiedou da nossa desgraça, né!”*

SM capítulo 32 (18/04/2006): Terça-Feira

✓ Sinhá Moça, ao passar a noite na senzala cuidando dos ferimentos de Justino, explica aos outros cativos que *“com os abolicionistas, a maioria dos escravos conseguem se ver livre para sempre”*. Em sequência, Fulgêncio pergunta: *“Isso quer dizer que nós ainda pode ter a esperança de um dia ser livre de verdade, sinhazinha?”*.

✓ Dimas, ao ser lançado na senzala pelo Barão, aproveita o momento para explicar aos cativos que já está tudo preparado para a fuga e, mais que isso, *“é muito branco que tá ajudando a gente”*.

SM capítulo 44 (02/05/2006): Terça-Feira

✓ Adelaide, em um dos seus encontros às escondidas com José Coutinho, diz: *“Eu tô com medo, José. Com muito medo! Medo de tudo, tudo! Me leva embora daqui, José! Pelo amor de Deus, me leva embora!”*. Em resposta, José afirma: *“Eu prometo que vou dá um jeito de tirar você daqui, Adelaide. Eu prometo!”*.

Categoria 03: O preconceito

SM capítulo 1 (13/03/2006): Segunda-Feira

✓ O Barão de Araruna, ao vender Rafael para um senhor de escravos, afirma: *“O amigo fez uma excelente escolha, esse moleque apesar de ter sangue de escravo é inteligente. Vai lhe ser de muita serventia.”*

SM capítulo 3 (15/03/2006): Quarta-Feira

✓ Feitor conversando com o Barão, afirma: *“O negro já nasce estúpido, ou não seriam escravos”.*

SM capítulo 4 (16/03/2006): Quinta-Feira

✓ Bá tenta conscientizar Sinhá Moça sobre a situação dos escravos e explica: *“Nesse mundo cada um carrega o seu destino e o destino dos negros é sofrer. Deus, nosso senhor, quis assim!”.*

SM capítulo 7 (20/03/2006): Segunda-Feira

✓ Barão de Araruna em conversa com Doutor Fontes sobre Coutinho, afirma: *“Ele tem sangue negro correndo nas veias, isso explica com certeza o seu mau caráter.”*

SM capítulo 15 (29/03/2006): Quarta-Feira

✓ Capitão do Mato, ao ameaçar Mário, é surpreendido. Quando o mesmo declara: *“Eu tomaria isso como uma ofensa, capitão, se ela tivesse vindo de um branco!”*

SM capítulo 18 (01/04/2006): Sábado

✓ Doutor Fontes, ao tomar café em família, indaga por que Rodolfo anda cuidando do escravo Bastião, logo em seguida, afirma: *“Onde já se viu, perder tanto tempo para adestrar um neguinho como aquele!”*

✓ Adelaide, em passeio com Sinhá Moça, ao falar sobre o possível feitiço que o irmão do quilombo fez para apaixoná-la, revela: *“Você pode imaginar maior vingança do que essa? A sinhaninha apaixonada por um negro como nós!”*

SM capítulo 20 (04/04/2006): Terça-Feira

✓ Feitor foi até à Casa Grande falar com o Barão de Araruna sobre o fato de um escravo estar apaixonado por Adelaide, mas o Barão ordena: “*Ele não tem esse direito, é um escravo, deixe-o lá na senzala de castigo até aprender onde é o lugar dele!*”

SM capítulo 22 (06/04/2006): Quinta-Feira

✓ Jornalista Augusto, ao falar sobre as fugas, diz para Dimas que não consegue imaginar que elas tenham tido êxito devido a: “Um bando de homens, mulheres, velhos, crianças caminhando desse jeito sem parada, pelo meio do mato, atravessando rios, passando fome”.

4.5 Análise das categorias metodológicas

Categoria 01: O escravo passivo e submisso

De modo geral, é possível perceber, através dos fragmentos de *Sinhá Moça*, que o enredo rejeita a ideia de que os escravos eram seres ativos no interior do sistema escravista, vistos à margem do processo. E é este ponto que nos interessa mais diretamente. Para tanto, será preciso revisitar alguns aspectos teóricos. Barros (2009, p. 142) afirma que “os escravos podiam se evadir da diferença escrava através da fuga para um quilombo, do suicídio, ou do crime”. Olhando por esta perspectiva, a passividade dos negros na ficção conserva certa negligência ao processo histórico de resistência da etnia, não os tomando como relevantes atores sociais.

Os cativos eram contrários ao trabalho forçado. Em meio às intensas punições e sofrimentos, ao afazer interminável, às condições desumanas e à violência envolvida, os escravos buscavam brechas para uma vida melhor, e quem sabe um futuro liberto. No Brasil, o suicídio era talvez a forma mais extrema do cativo noticiar o seu inconformismo coma conjuntura de abuso e opressão em que vivia. Além disso, não deixava de ser uma maneira de conferir limites à dominação senhorial, mesmo que para isso o escravo precisasse sacrificar a própria vida, segundo Lima (2009).

Este, aliás, é um ponto que a telenovela silencia. Associado a isso, detectamos a ausência de intensos movimentos de fuga, que nos remeteriam a relevantes questões para o estudo da sociedade escravista e, principalmente, ao sentido histórico do universo dos fugitivos. Nessa conjectura, também não percebemos a formação de quilombos ou mesmo de uma insurreição com êxito na ficção seriada, se contrapondo à libertação individual e coletiva dos escravos na época colonial, que perpassava por intensas revoltas, sendo muitas delas bem-sucedidas.

Quando no século XIX as várias mudanças ocorridas no Brasil desestruturaram o sistema escravista, os cativos agiram no processo que aboliu a escravidão. A abolição não pode ser entendida como uma 'redenção' ou uma ação humanitária dos proprietários dos escravos. O reconhecimento da atuação dos próprios cativos como agentes de sua história deu-se com as novas perspectivas de abordagem da História Social da Escravidão, que provocou mudanças [...] (SILVA, 2010, p. 134).

De acordo com Silva (2010), os roubos, agressões, negociações, rebeldias, sabotagens e homicídios eram exemplos do protagonismo negro em favor de sua liberdade. Isso nos faz refletir que o escravo de *Sinhá Moça*, submisso à ordem escravista, aceitou a condição de opressão e coisificação, mostrando-se irracional e acomodado. “*Mas, eu não tô reclamando não, sinhá. Que minha vida aqui é boa até demais. E mesmo que esse tal de irmão do quilombo viesse aqui abrir a senzala do Barão, eu não redava pé dessa casa de jeito nenhum*”, o capítulo 31 confirma o que havíamos apresentado. Nessa direção, pretendemos romper com a ideia de que os escravos eram seres passivos e trazê-los, então, como agentes da sua história. Se os cativos estivessem conformados com o seu destino, faria sentido o surgimento dos quilombos?

Os quilombos eram então espaços responsáveis em assegurar a liberdade, como também, ambiente de recusa ao comando senhorial. “Partir com um grupo de escravos para a formação de um quilombo, ou fugir em busca de um quilombo já formado, era rejeitar frontalmente a escravidão” (BARROS, 2009, p. 188). Reconhecemos que resistir ao sistema não era uma tarefa fácil, entretanto, a abolição também foi resultado das ações dos cativos e não de um evento lançado pelas elites. Já dizia Silva (2010, p. 157), “as pressões contra a escravidão partiam de diversas partes e, sobretudo, dos próprios escravizados”.

Isto nos conduz às observações finais, que de alguma maneira vislumbramos na categoria 01 da telenovela *Sinhá Moça*. Com os arquétipos negativos identificados, percebemos que a construção do cativo na ficção concretiza a tirania suprema do branco em relação ao negro. E, ao mesmo tempo, se torna ainda mais problemática quando recusa apresentar os caminhos que os escravos percorreram em busca da ruptura do sistema. Nesse aspecto, há uma renúncia quanto à resistência cotidiana dos cativos.

Categoria 02: O herói branco

A novela *Sinhá Moça*, a princípio preocupada em legitimar a história negra, acaba produzindo um efeito contrário. Prioriza a ação dos brancos livres na luta pelo fim do sistema escravista. Conforme Joel Zito Araújo (2004), as ficções insistem em retratar o período da escravidão, exclusivamente a partir da trajetória dos “heróis brancos”. A exemplo do Capítulo 22 de SM, “*se o irmão do quilombo conseguir abrir a porta da senzala, aí sim, os escravos estarão livres*”. Nessa ficção, os cativos são apontados como dependentes da clemência e da bondade dos membros da classe dominante, carentes dos seus amparos e cuidados, e não como agentes da abolição.

O apelo da população livre e a pressão social contribuíram na criação de estratégias contra o sistema. No entanto, isso não deve contestar o sangue e a dor dos negros nas diversas lutas e batalhas, a exemplo de Zumbi, símbolo da resistência negra na busca por justiça e motivadora organização de rebeliões. Reconhecer os escravos como sujeitos ativos contribui para legitimar uma identidade negra honrada. Afinal, “a identidade da raça negra foi construída ao longo dos séculos sob a égide de um sistema simbólico que confere ao branco um status de superioridade em relação ao negro” (DINIZ, 2010 p.20).

Dentro desse contexto, os heróis de *Sinhá Moça* são brancos, pensam na coletividade, mas não respeitam leis e tradições. Os negros são obedientes, pacíficos e covardes. Já os mestiços são apresentados como feitor ou capitão do mato, características semelhantes ao que Joel Zito já havia detectado em trabalhos anteriores. Para o autor (2012, p. 145), não existe qualquer defesa da mestiçagem nas ficções, nas quais os mulatos estão “mais interessados em subir na vida [...]”

suportando a humilhação por sua origem 'impura', buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades e controle do negro”.

Ou seja, ao trazer essas condições, somadas aos escravos aprisionados às senzalas, à espera de um líder branco, a ficção desconstrói narrativas históricas de heróis negros, nas quais o branco passa a ser o grande protagonista da trama com apelo popular, pois “se move para resgatar os melhores valores; e a platéia é testemunha das ações, conhece as intenções dos dois lados; geralmente trabalha as situações trágicas; portanto, as histórias terminam com um final feliz” (DINIZ, 2009, p.214). Com isso, após analisarmos a categoria 02, detectamos a omissão de heróis da resistência em tempo integral, como também, a dependência aos senhores.

Categoria 03: O preconceito

O preconceito e o racismo são construções simbólicas que se originaram tanto da escravidão que perseguia os negros, como também das relações sociais estabelecidas. “Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido as desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas.” (SILVA 2008, p.19). Dessa maneira, a identidade negra foi erguida ao longo dos séculos sob uma perspectiva de dominação dos brancos, de segregação entre as etnias e do discurso elitista.

Lima Barreto (2006) nos mostra que a discriminação e o preconceito se consolidam nas pequenas ações, no cotidiano, uma vez que estas já fazem parte da experiência do brasileiro, impregnadas na cultura e nas ações mais simples do dia a dia. Por outro lado, devemos levar em consideração o que Barros (2009, p. 218) aponta: “resistir a uma cena de preconceito, punindo-se com justiça aqueles que exercem indevidamente uma violência simbólica ou discriminação social concreta [...] é uma necessidade e um dever cívico”.

Nota-se que a categoria 03 da pesquisatriz como ponto temático o preconceito étnico, ainda existente na sociedade e manifestado em *Sinhá Moça*. A preocupação dos personagens brancos era não apresentar características semelhantes aos escravos, evitar qualquer afinidade. “O racismo visa principalmente não à intolerância daquele que é diferente, mas sim o medo e o horror da semelhança escondida na diferença.” (MUNANGA, 1995, p.71”).

A fala do capítulo 07 de *Sinhá Moça*: “*ele tem sangue negro correndo nas veias, isso explica com certeza o seu mau caráter*”, corrobora tal afirmação, pois além de preconceituosa, é também uma forma que os brancos da ficção encontram para justificar o mau caráter das pessoas, como características inerentes aos escravos. No entanto, nos deparamos no Brasil com o mito de que houve uma relação amena entre senhores e escravos, proporcionando um regime escravista benevolente.

A história da colonização do Brasil está pautada pela exploração dos grupos inferiorizados que foram ao longo dos tempos marcados pelos casos de discriminação e preconceito, embora tenhamos entre nós o mito de que vivemos numa democracia racial, num país em que todos os grupos convivem harmonicamente, sem a incidência de conflitos. No entanto, os fatos apontam para uma história de injustiças e de negação da cidadania às ‘minorias’. (DINIZ, 2010, p.105)

Dessa maneira, percebemos que alguns personagens de *Sinhá Moça* legitimam o preconceito ao concordarem que “existem raças inferiores e superiores que atende aos interesses dos grupos dominantes que se utilizam de discursos totalizantes para manter o estigma imposto às classes inferiorizadas” (DINIZ, 2010, p.104). No trecho do capítulo 15 encontramos um exemplo: “*Eu tomaria isso como uma ofensa, capitão, se ela tivesse vinda de um branco!*”. O fragmento ratifica o negro como sujeito marginalizado e depreciado, incapaz de defender sua opinião devido à sua condição social e cor da pele.

Com as análises desenvolvidas foi possível perceber que o preconceito é um dos conflitos centrais da ficção, pois envolve grande parte dos cativos, como também a continuidade dos estereótipos negativos do início ao final da trama, mas com um ambiente de discussão limitado. Ressaltamos que ao identificar essas questões não queremos dizer que o público que consome as telenovelas é passivo ou alienado, pois vários motivos os levam a assistir ou não as telenovelas, reconhecendo que embora retrate o real, a teledramaturgia é ficção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos traçar uma análise que desse conta das nuances da escravidão na telenovela *Sinhá Moça*, com foco não apenas nos fragmentos estereotipados que coube ao ator negro, mas também, nas oportunidades de discussão sobre o surgimento e configuração desse sistema, envolvendo o racismo e a construção de identidades. Ao longo da narrativa, muitas vezes, percebemos a cultura negra sendo folclorizada a partir de um discurso discriminatório, a partir do qual os cativos não são considerados agentes da sua própria história.

A telenovela, a priori, preocupada em legitimar a história negra, acaba produzindo um efeito contrário, ao abandonar o referencial histórico. Mesmo sendo ficção e a população sabendo disso, não exime a sua responsabilidade social. O enredo não consegue escapar ao mito da democracia racial, conceito que, já apresentado, mostra o Brasil como espaço de harmonia racial. A análise da ficção nos mostra que há um processo de formação da identidade étnica preconceituosa. Sendo os personagens negros – com exceção de poucos – inertes, obedientes e conformados. Repete em vários fragmentos a desvalorização dessa cultura. Nos capítulos observados, podemos concluir que Fulgêncio é o protótipo de identidade étnica que o discurso da telenovela quer mostrar como o mais adequado.

Dessa maneira, as imagens retratadas na ficção, a respeito da maioria dos personagens cativos, são rebaixadas, contribuindo muito pouco para a construção de um país plural. Até Zumbi, figura histórica e de destaque no cenário nacional, foi renegado, e os escravos associados à marginalização e ao racismo. Como sujeitos passivos e submissos, os cativos da telenovela mantêm pouca relação com a narrativa de resistência. Feitas essas considerações prévias, achamos importante confrontar as ideias acima apresentadas com as conclusões as quais chegamos ao final da pesquisa acerca das nuances da escravidão em *Sinhá Moça* e seu significado no que tange às fugas.

Conforme temos apontado até aqui, a fuga era vista como uma arma potencial para a maioria dos escravos alcançarem melhores condições de vida no contexto da escravidão. No entanto, o que percebemos foi a difusão de um discurso elitista com imagens preconceituosas. No entanto, os telespectadores já vêm rompendo a barreirado silêncio a que foram submetidos pela classe dominante. Essa pesquisa é fruto dessa ruptura, pois ao assistirmos a ficção, nos deparamos

com a ausência de escravos guerreiros, sendo as formas de resistência silenciada. Como não somos meros receptores de informações, procuramos investigar mais profundamente essas características em *Sinhá Moça* e entender que o processo escravista também faz parte da nossa história.

Nenhum povo que passasse por isso com sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelévelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. (RIBEIRO, 1995, p.120)

Por essa razão, iniciamos nossa pesquisa contando o processo de escravidão no Brasil, perpassando pelos tortuosos caminhos de resistência até chegarmos à representação desse sistema na ficção. Nesse sentido, se não conseguimos decifrar totalmente as nuances da escravidão em *Sinhá Moça*, esperamos, pelo menos, ter identificado alguns problemas sociais e étnicos que a ficção nos indica. Se esse objetivo tiver sido alcançado, terá valido a pena o esforço. Porém, acreditamos que este trabalho pode contribuir para uma melhor compreensão da problemática abordada, sendo os momentos férteis de discussão, construídos ao longo da monografia, importantes no surgimento de outras pesquisas envolvendo variados produtos midiáticos ficcionais.

Estudar o papel social e a importância dos escravos no Brasil parece fundamental para entendermos a história de construção da sociedade brasileira. Mesmo identificando que os escravizados, em *Sinhá Moça*, não foram atores sociais ativos, ao terem seu desempenho silenciado durante grande parte da ficção, reconhecemos a relevância de um estudo como esse. Sabemos que nosso trabalho não está acabado no sentido de escrever uma história completa e de mudar efetivamente a realidade, mas concordamos com a afirmativa de que “a crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária”.(RIBEIRO, 1995, p.120)

REFEFÊNCIAS

R.Bibliográficas

ABREU, Martha; PEREIRA, Serva (orgs.). **Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil**. Niterói :PPGHistória- UFF, 2011. 528p.

ARBEX, J. **O Poder da TV**. São Paulo: Editora Scipione, 1995(Coleção Ponto de Apoio).

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

_____. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**.In. O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 143- 151.

_____; PINTO, Ana Flávia Magalhães...[et al]. **O negro na TV pública**. Brasília: FCP, 2012. 204p.

BARBERO, Jesús Martín. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **A Construção Social da Cor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CALZA, Rose. **O que é Telenovela**. São Paulo. Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1999

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CARNEIRO, Sueli. **O negro na TV pública- Desconstruindo narrativas colonizadas**. In. O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 113-132.

CARVALHO, Noel dos Santos. **Contra a invisibilidade política e luta do negro por representações**. In. O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 133-141.

COUCEIRO, Solange M. **O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais**. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

DINIZ, Jackson. **Identidade Negra e Modernidade na Obra de Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Letras, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010. 110f.

DINIZ, José Alencar. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais: radionovela, telenovela e webnovela**. Tese (Doutorado)- Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 255f.

EISENBERG, Peter L. Ficando livre: as alforrias em Campinas no século XIX. In: **Estudos Econômicos**, São Paulo, IPE-USP, 17 (2), 1987.

FEITOSA, Klennia Nunes. **Para além da escravidão**: a identidade negra e a noção de preconceito apresentada na novela Sinhá Moça da rede Globo detelevisão. [Trabalho de Conclusão de Curso], 2011.

FARIA, M. C. B., FERNANDES, D. **A Representação da identidade negra na telenovela brasileira**. ECompós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto, 2007.

FECHINE, Yvana. **Televisão transmídia**: conceituações em torno de novas estratégias e práticas interacionais da tv. In: XXII encontro anual da compós. Salvador, 2013. p. 01 – 13

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.

FONSECA JR, Wilson. Análise de Conteúdo: In: DUARTE e BARROS (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304

FRANCISCO, Dalmir. Imprensa e Racismo no Brasil (1988/1998): **A construção mediática do negro na imprensa escrita brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2000, 280p. Tese. Doutorado.

FREITAS, Décio. **Palmares, a guerra dos escravos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade**: traços das lutas escravas no Brasil, 1.ed, São Paulo: Expressão Popular, 2008. 152p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. 380 p.

LIMA, Luciano Mendonça de. **Cativos da “Rainha da Borborema”**: uma história social da escravidão em Campina Grande – século XIX. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. 476f.

LOPES, Nei. **A tevê que nós queremos**. In: O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 155-158

LOVEJOY, Paul. **Identidade e miragem da etnicidade**- A jornada de Mahommah Garão Baquaqua para as Américas. In: **Afro-Ásia**. Salvador: Ceao/UFBA. 2002, P. 9-39.

MARQUES; Márcia Gomes; CAMERA, Hellen. **Adaptação e ficção seriada**: a atualização dos conteúdos sociais em Sinhá Moça. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 12, n. 29, p. 221-230, set./dez. 2011

MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da Escravidão**: O ventre de ferro e Dinheiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1995

MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo**: produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: oposição ou complementaridade. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.9, n.3, 1993. 239-262pp.

MUNANGA, Kabengele Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos Anti-racistas no Brasil. IN: QUINTAS, fátima (org). **O Negro: Identidade e Cidadania**. IV Congresso Afro Brasileiro. Recife: FUNDAJ, editora Massagana, 1995.

OFM, Frei David Santos. TV Brasil: **Como ajudar na construção de um país pluriétnico?**. In. O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 159-162.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela: história e produção**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

PRANDI, R. (2004). **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. *Estudos avançados*, 18(52), 223-238.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2000, p. 71.

_____. **Rebelião escrava no Brasil-** a história do levante dos Malês, 1835. São Paulo: Brasiliense. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. **Uma história da liberdade**. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro - A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RUDIO, F. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**, Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

SANTIAGO, Lilian Solá. **TV para telespectadores- cidadãos**. . In. O negro na TV pública. Org. Joel Zito Araújo. Brasília: FCP, 2012, p. 189-192.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**, a perspectiva dos estudos culturalistas. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Eleonora Felix da. **Escravidão e resistência escrava na “cidade d’Area” oitocentista**. Dissertação (Mestrado em Historia), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010.188 f.

SIMÕES , Paula G; FRANÇA, Vera. **Telenovelas, telespectadores e representações do amor**. ECP-PÓS, v.10, n.2, julho-dezembro 2007, p.48-69.

SODRÉ, Mniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **O negro no mass-media**. Anais do primeiro colóquio de semiótica. Rio/São Paulo: Puc/RJ – Edições Loyola, 1980.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**: In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 5. Ed. Petrópolis- RJ:Vozes, 200, p7-72.

R. Eletrônicas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004a.<www.mec.gov.br/cne>.

FERREIRA, Danubia Andrade. **A personagem negra na telenovela brasileira**: Representações da negritude em "Duas Caras". 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/danubiadeandradefernandes.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

JUNIOR, Antonio Gasparreto. Feitorias. In: **História Brasileira**, 2010. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/feitorias/>> Acesso em: 15 de maio de 2014.

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **A escravidão no Brasil**: ensaio histórico, jurídico, social. Publicado por Typographia Nacional, 1866. Original da Oxford University Digitalizado em 01 jun. 2007. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=N34IAAAAQAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 16 de abril de 2014.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Abolição no Brasil: a construção da liberdade. In. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.36, p. 83-104, dez.2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/36/art07_36.pdf> Acesso em: janeiro de 2013.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. **Políticas Afirmativas e Educação**: a Lei 10639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil **contemporâneo**. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.app.com.br/portalapp/coletivos_conteudo.php?id1=49> Acesso em: 17 de dezembro de 2013.

TAVARES, Júlio César de. **Mídia e Etnicidade**: Algumas considerações acerca da importância da ação afirmativa na [e para a] mídiabrasileira. Revista Espaço Acadêmico, nº31, Dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www.espaçoacademico.com.br>> Acesso em: 27 de Outubro de 2013.